

São 3 as principais funções da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Proteção da Biodiversidade  
Desenvolvimento Sustentável  
Conhecimento Científico

realização:

**CONSELHO NACIONAL DA RESERVA  
DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA**

Rua do Horto 931 - Instituto Florestal  
São Paulo-SP - CEP: 02377-000  
Fax: (011) 204-8067



Caderno nº 10



## VIAGEM À TERRA DO BRASIL

Jean de Léry  
1576



### SÉRIE 1 - CONSERVAÇÃO E ÁREAS PROTEGIDAS

- Cad. 01 - A Questão Fundiária
- Cad. 18 - SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

### SÉRIE 2 - GESTÃO DA RBMA

- Cad. 02 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
- Cad. 05 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado de São Paulo
- Cad. 06 - Avaliação da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
- Cad. 09 - Comitês Estaduais da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

### SÉRIE 3 - RECUPERAÇÃO

- Cad. 03 - Recuperação de Áreas Degradadas da Mata Atlântica
- Cad. 14 - Recuperação de Áreas Florestais Degradadas Utilizando a Sucessão e as Interações planta-animal
- Cad. 16 - Barra de Mamanguape

### SÉRIE 4 - POLÍTICAS PÚBLICAS

- Cad. 04 - Plano de Ação para a Mata Atlântica
- Cad. 13 - Diretrizes para a Política de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica
- Cad. 15 - MATA ATLÂNTICA - Ciência, conservação e políticas - Workshop científico sobre a Mata Atlântica
- Cad. 21 - Estratégias e Instrumentos para a Conservação, Recuperação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica
- Cad. 23 - Certificação Florestal

### SÉRIE 5 - ESTADOS E REGIÕES DA RBMA

- Cad. 08 - A Mata Atlântica do Sul da Bahia
- Cad. 11 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul
- Cad. 12 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica em Pernambuco
- Cad. 22 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro

### SÉRIE 6 - DOCUMENTOS HISTÓRICOS

- Cad. 07 - Carta de São Vicente - 1560
- Cad. 10 - Viagem à Terra Brasil

### SÉRIE 7 - CIÊNCIA E PESQUISA

- Cad. 17 - Bioprospecção
- Cad. 20 - Árvores Gigantescas da Terra e as Maiores Assinaladas no Brasil

### SÉRIE 8 - MaB-UNESCO

- Cad. 19 - Reservas da Biosfera na América Latina

Caderno nº. 10

Jean de Léry

## VIAGEM À TERRA DO BRASIL





Ao maestro Antonio Carlos Jobim,  
que considerava a Mata Atlântica  
a coisa mais bonita que ele viu

Este é o segundo caderno que o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica dedica à história dessa floresta tropical, da qual restam apenas 7% de sua área original e da qual dependem quase 100 milhões de brasileiros para a produção de água, manutenção do equilíbrio climático; controle de erosões e enchente e para um grande número de outros benefícios diretos ou indiretos que não são conhecidos ou mesmo percebidos por essa população. O texto deste caderno foi retirado do livro *Viagem à Terra do Brasil*, editado pela Editora da Universidade de São Paulo. A tradução para o português e as notas são de Sérgio Milliet. Os desenhos, cujos autores não são citados, foram retirados do mesmo livro.



## SUMÁRIO

	<b>PÁG.</b>
PREFÁCIO. . . . .	07
DOS ANIMAIS, VEAÇÃO, LAGARTOS, SERPENTES E OUTROS ANIMAIS MONSTRUOSOS DA AMÉRICA. . . . .	11
DA VARIEDADE DE AVES DA AMÉRICA, TODAS DIFERENTES DAS NOSSAS; DOS BANDOS DE GRANDES MORCEGOS, DAS ABELHAS, MOSCAS VAREJEIRAS E OU- TROS VERMES SINGULARES DÊSSE PAIS. . . . .	19
DOS PEIXES MAIS COMUNS E DO MODO DE PESCÁ-LOS	30
DAS ÁRVORES, ERVAS, RAÍZES E FRUTOS DELICIOSOS QUE A TERRA DO BRASIL PRODUZ. . . . .	36
NOTAS. . . . .	48

Série Cadernos da  
Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

**Editor:** José Pedro de Oliveira Costa

**Conselho Editorial:** José Pedro de Oliveira Costa, Clayton Ferreira Lino, João Lucílio  
Albuquerque

Caderno nº 10  
**Viagem à Terra do Brasil**  
Primavera de 1998

É uma publicação do  
Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica,  
com o patrocínio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e da  
Cetesb - Companhia de Tecnologia Ambiental.

**Impressão:** Cetesb - Companhia de Tecnologia Ambiental.

**Projeto Gráfico e  
Editoração:** Elaine Regina dos Santos

**Revisão:** Clayton F. Lino/João Lucílio R. Albuquerque

São Paulo  
Primavera 1998

**Autoriza-se a reprodução total ou parcial  
deste documento desde que citada a fonte.**



## PREFÁCIO

### Jean de Léry

Jean de Léry nasceu em La Magrelle-França em 1534. Pouco se conhece sobre sua infância. Sabe-se que pertencia sem dúvida à uma família burguesa, que como à maioria dos fidalgos modestos daquela região da França, naquela época, seguiram o movimento da Reforma.

A nova doutrina propagava-se rapidamente. Calvino fundou uma espécie de teocracia democrática de forte apelo popular, que obteve sucesso não apenas na França como também na Inglaterra, Holanda, Polônia e Suíça entre outros países. Genebra tornou-se a sede do protestantismo e para aí rumavam missionários de todas as partes para buscar inspiração e espalhar pelo mundo afora as idéias do mestre.

Jean de Léry foi um desses missionários. Chegou à Genebra ainda adolescente e tornou-se pastor em 1555.

Nesta época os franceses tentavam fundar no Brasil uma colônia, a França Antártida, cuja sede seria localizada no Rio de Janeiro sob o comando de Durand de Villeagnon.

Atendendo a solicitação de Villeagnon, Calvino enviou ao Brasil uma missão chefiada por Du Pont de Corzuilleraray, formada por dois pastores chefes e 14 missionários. Entre eles Jean de Léry, futuro narrador da expedição, que foi enviado ao Brasil como exilado devido às discussões entre papistas e calvinistas que eram a grande celeuma do momento.

Mesmo sem ser um intelectual de porte ou um cientista de reputação, a viagem, o acolhimento de Villegagnon, a história dos mártires perseguidos e mortos, a perseguição de fiéis em terras das Américas, o malogro da França Antártida, a fauna e a flora local e os usos e costumes dos emboabas foram relatados na “Viagem à Terra do Brasil” com acuidade de observação, valor de estilo e honestidade



raramente encontrados. Especialmente quando se leva em conta que de Léry não pretendia escrever um livro, só o fazendo em obediência ao seu mestre Calvino.

Com esta obra, Jean de Léry pode ser colocado ao lado de José de Anchieta, Hans Staden, Claude d'Anbbeville e tantos outros viajantes, missionários e aventureiros que aqui residiram e escreveram sobre o Brasil. Uns mais fantasiosos, outros mais serenos e objetivos mas todos trazendo uma contribuição utilíssima aos estudos dos nossos indígenas e de nossa natureza.

O livro que conta toda a história da malograda França Antártida foi um sucesso ainda no século XVI, traduzido em várias línguas como o holandês, o alemão e o latim, que era a língua universal daquela época. Era lido em seu tempo como livro de viagem e aventuras, gozando de grande popularidade até o século XVIII, quando deixou de atingir o grande público e passou a ser um documento para eruditos e historiadores.

A primeira edição trazia o seguinte título: *“Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e as coisas notáveis vistas no mar pelo autor, a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulos no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar por Jean de Léry, natural de La Magrelle, Saint Seine, ducado de La Bourgonhe”*. Editado por La Rochelle, 1578 - 1 vol. in 8.º com gravuras sobre madeira, uma das quais repetidas.

Para esse caderno foram escolhidos dois capítulos que tratam com maior profundidade da fauna e flora da Mata Atlântica, sendo utilizada a publicação da Livraria Martins Editora e Editora da Universidade de São Paulo para a Biblioteca Histórica Brasileira: “Viagem à Terra do Brasil” de Jean de Léry de 1972.

A obra sobressai-se entre tantas outras porque seu depoimento ainda permanece vivo mesmo passados quatrocentos anos. Léry revela uma qualidade notável, muito rara naqueles tempos de paixões e preconceitos, analisando a relatividade dos costumes com simpatia e aceitação, não deixando com que o peso religioso tomasse conta do bom senso.

Voltou à Genebra em 1553 para completar seus estudos de teologia. Em 1560 foi nomeado Ministro e enviado à Belleville-sur-Saône para exercer suas funções. Nessa época a Regente do Trono da França, Catarina de Médicis, inclinava-se ao protestantismo e liberava os detentos por motivos religiosos.

Após sangrenta batalha entre católicos e protestantes na França, de Léry perdeu seu posto, retomando-o apenas em 1576. Aposentou-se em Genebra tendo ainda escrito “Narrativa do cerco de Sancèrre” e “Discurso à cerca do Sítio de La Charité” em 1577.

Morreu em Berna, na Alemanha, em 1611.



## DOS ANIMAIS, VEAÇÃO LAGARTOS, SERPENTES E OUTROS ANIMAIS MONSTRUOSOS DA AMÉRICA

Direi desde logo, ao iniciar êste capítulo, que não existe no Brasil nenhum quadrúpede em tudo e por tudo semelhante aos nossos. Por outro lado convém acrescentar que os tupinambás só muito raramente se alimentam com animais domésticos.<sup>01</sup> Na descrição dos animais silvestres do país, chamados genéricamente Sóo<sup>02</sup> começarei pelos que lhes servem de alimentação. O primeiro e mais comum é o tapirussú<sup>03</sup> de pêlo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem chifres, com pescoço mais curto, orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiriço com forma de casco de asno. Pode-se dizer que, participando de um e outro animal, é semivaca e semi-asno. Difere entretanto de ambos pela cauda, que é muito curta (há aqui na América inúmeras alimárias sem cauda), pelos dentes que são cortantes e aguçados; não é entretanto animal perigoso, pois só se defende fugindo. Os selvagens o matam a flechadas como fazem a muitos outros ou o apanham com armadilhas astuciosas.

Êsse animal é muito estimado entre os indígenas por causa da pele;<sup>04</sup> depois de esfolado cortam-lhe o couro do dorso e põem-no a secar, fazendo rodela do tamanho de um tampo de tonel médio, que lhe servem de escudos contra as setas inimigas na guerra. Com efeito, a pele assim sêca e preparada é tão rija que não há flecha, creio, por mais violentamente lançada que possa furá-la. A título de curiosidade trazia eu para a França dois dêsses broquéis, mas assaltando-nos a fome no mar, vimo-nos obrigados, na falta de víveres e depois de comermos os bugios, papagaios e outros animais, a consumir as nossas rodela tostadas na brasa, bem como todos os couros e peles que tínhamos a bordo.

A carne do tapirussú tem quase o mesmo gosto da do boi; os selvagens a preparam à sua moda, moqueando-a. Consiste êsse sistema, que pretendo desde já descrever, para que não fique suspenso à curiosidade do leitor, no seguinte: os americanos enterram profun-



damente no chão quatro forquilhas de pau, enquadradas à distância de três pés e à altura de dois pés e meio; sôbre elas assentam varas com uma polegada ou dois dedos de distância uma da outra, formando uma grelha de madeira a que chamam boucan.<sup>05</sup> Têm-no todos em suas casas e nêles colocam a carne cortada em pedaços, acendendo um fogo lento por baixo, com lenha sêca que não faça muita fumaça, voltando a carne e revirando de quarto em quarto de hora até que esteja bem assada. Como não salgam suas viandas para guardá-las, como nós fazemos, êsse é o único meio de conservá-las. Se em um dia apanham trinta animais ferozes ou outros dos que aqui descrevemos, para evitar a putrefação, cortam-no logo em pedaços e os moqueiam durante mais de vinte e quatro horas às vêzes até que as partes internas fiquem tão assadas quanto as externas. O mesmo fazem com os peixes quando os pescam em grande quantidade, principalmente com os da espécie denominada piraparati<sup>06</sup> que são verdadeiros sargos. Depois de os secar bem, reduzem-nos a farinha. Em suma êsses moquem (boucan) lhes servem de salgadeira, aparador e guarda-comida; e entrando em suas aldeias vêmo-los sempre carregados não só de veações ou peixes mas ainda de coxas, braços, pernas e postas de carne humana dos prisioneiros que matam e costumam comer, como veremos adiante. Eis o que tinha a dizer acêrca do moquém e da moqueação (boucannerie)<sup>07</sup> dos americanos, os quais em que pese às opiniões em contrário, não deixam de cozinhar as suas viandas quando lhes apraz.

Voltando aos animais direi que os maiores, depois do asno-vaca de que acabo de falar, são certas espécies de veados e corças a que chamam soo-uassús<sup>08</sup> os quais, além de ser bem menores do que os nossos e ter chifres menos desenvolvidos, dêstes ainda se diferenciam pelos pêlos compridos como os das cabras da Europa.

Quanto ao javali do país, que os selvagens denominam taiassú,<sup>09</sup> embora semelhante aos das nossas florestas pela cabeça, pelas orelhas, pernas e pés, tem os dentes muito compridos, curvos e pontiagudos, o que os torna perigosíssimos. É mais magro, descarnado; tem um grunhido espantoso e apresenta nas costas uma deformidade notável,<sup>10</sup> uma abertura natural, como a do golfinho na

cabeça, por onde sopra, respira e aspira quando quer. E para que não se imagine ser isso uma coisa extraordinária direi que o autor da "História Geral das Índias"<sup>11</sup> afirma existirem na Nicarágua, perto do reino da Nova Espanha, porcos com o umbigo no espinhaço,<sup>12</sup> os quais devem ser da mesma espécie dos que acabo de descrever.

Êsses três animais: o tapirassú, o *soouassú* e o *taiassú* são os maiores dessa terra do Brasil.

Passando a outros animais bravios dos nossos americanos, notarei um bicho vermelho chamado aguti;<sup>13</sup> é do tamanho de um leitão de mês, tem o pé fendido, a cauda muito curta, o focinho e as orelhas como os da lebre e é de sabor agradabilíssimo.

Outros, de duas ou três espécies diferentes, chamados tapitís,<sup>14</sup> parecem-se muito com as nossas lebres e têm quase o mesmo gôsto, embora o seu pêlo seja mais avermelhado. Também apanham nas florestas certos ratos<sup>15</sup> do tamanho dos esquilos, com pêlo quase idêntico e de carne tão delicada quanto a do coelho.

O pag<sup>16</sup> ou pague (não pudemos distinguir a pronúncia), é um animal do porte do cão perdigueiro médio; tem a cabeça felpuda e malfeita e a carne com o gôsto da vitela; a pele é muito bonita, manchada de branco, pardo e prêto e se o tivéssemos seria muito apreciado no vestuário. Existe outro animal do feitio de uma doninha e de pêlo pardacento, ao qual os selvagens chamam sariguá;<sup>17</sup> tem mau cheiro, e não o comem os índios de boa vontade. Esfolamos alguns dêsses animais verificando estar na gordura dos rins o mau odor; tirando-lhe essa viscera a carne é tenra e boa.

O tatu<sup>18</sup> da terra do Brasil, tal qual os nossos ouriços, não pode correr tão rapidamente quanto os outros; por isso arrastasse pelas moitas; em compensação está bem armado, coberto de escamas fortes e duras, capazes de resistirem a um golpe de espada. Com essa carapaça, fazem os selvagens cestinhos chamados caramemo;<sup>19</sup> encurvada parece manopla de armadura. A carne do

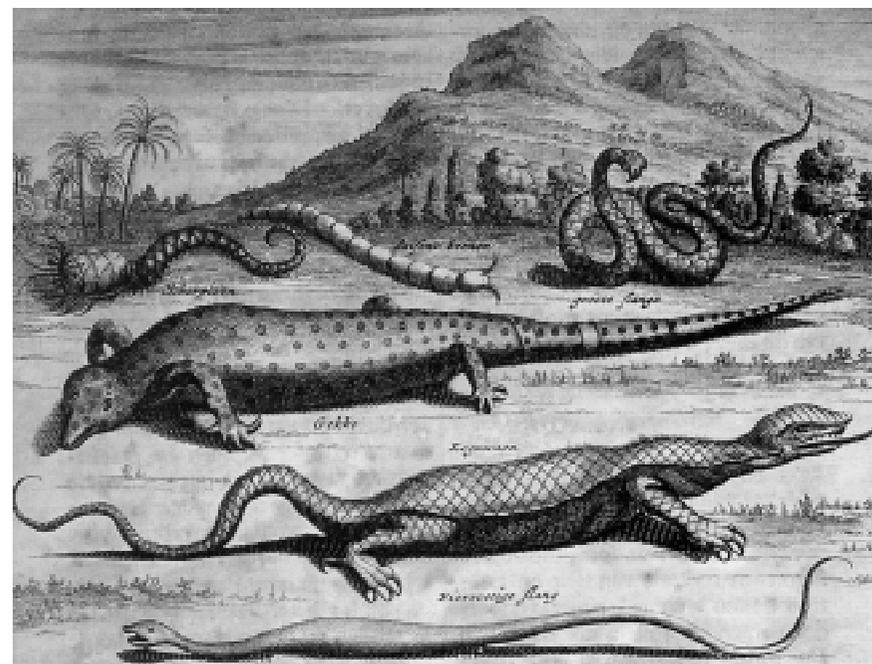


tatu é branca e muito saborosa. Não vi porém, nesse país, nenhum quadrúpede semelhante, na altura das pernas, ao que Belon representou no fim do terceiro livro de suas observações com o nome de tatu do Brasil.

Além desses animais, que constituem a alimentação habitual dos americanos, comem eles crocodilos, chamados jacarés<sup>20</sup> os quais têm a grossura da coxa de um homem e comprimento proporcional; não são perigosos pois, como me foi dado ver muitas vezes, os selvagens os trazem vivos para as suas casas e as crianças brincam em redor deles sem mal algum. Entretanto, ouvi contar aos velhos das aldeias que, nas matas, são às vezes assaltados e encontram dificuldades em se defender a flechadas contra uma espécie de jacarés monstruosos que, ao pressentir gente, deixam os cançiais aquáticos, onde fazem o seu covil. A esse respeito, além do que Plínio<sup>21</sup> e outros referem dos crocodilos do Nilo, no Egito, diz o autor da "História Geral das Índias"<sup>22</sup> que matou crocodilos perto da cidade de Panamá, com mais de cem pés de comprimento, o que é coisa quase incrível. Observei os jacarés medianos e vi que têm a boca muito rasgada, as pernas altas, a cauda chata e aguda na extremidade. Confesso que não verifiquei se esses anfíbios conservam imóvel a mandíbula superior, como geralmente se acredita.

Os nossos americanos também apanham tuús<sup>23</sup> lagartos que não são verdes, como os nossos, mas cinzentos, de pele áspera como a das lagartixas. Embora tenham de quatro a cinco pés de comprimento, e sejam proporcionalmente grossos e repugnantes à vista, conservam-se em geral nas margens dos rios e nos lugares pantanosos, tais quais as rãs, e não são em absoluto perigosos. Direi ainda que, destripados, lavados e bem cozidos, apresentam uma carne branca, delicada, tenra e saborosa como o peito do capão, constituindo uma das boas viandas que comi na América. A princípio, em verdade, repugnava-me esse manjar, mas depois que o provei não cessei de pedir lagarto.

Também costumam os tupinambás comer certos sapos grandes, moqueados com o couro e os intestinos, donde concluo que ao contrário dos nossos sapos cuja carne e sangue são geralmente mortíferos, os do Brasil em virtude talvez do clima não são venenosos. Os selvagens também comem serpentes grossas como um braço de homem e longas de uma vara; mas vi-os entretanto trazerem certas serpentes rajadas de preto e vermelho para casa; silvavam entre as mulheres e as crianças que, em vez de se atemorizar, as acariciavam com as mãos. Preparam as serpentes em pedaços e as cozinham, mas a carne é insípida e adocicada. Não faltam aí cobras de variada espécie, sobretudo nos rios, onde se encontram algumas compridas e delgadas, verdes como a acelga e cuja mordedura é muito venenosa. Pela narração seguinte pode-se ver que, além dos tuús a que me referi, existem no mato lagartos grandes e perigosos.<sup>24</sup>



NIUHOF, Johan. Gedenkweerdige Brasiliae Zee-en Lant-Reize (...). Amsterdam, 1681 (não consta na Publicação Terras do Brasil, de Jean de Léry)



Certa ocasião dois franceses e eu cometemos o êrro de visitar o país sem guias selvagens; perdemo-nos na mata e, quando ladeávamos profundo vale, ouvimos o rumor de um bruto que vinha em nossa direção mas, pensando que fôsse algum selvagem não paramos nem demos importância ao caso. De repente, a trinta passos de distância, à direita, vimos na encosta da montanha um enorme lagarto maior do que um homem e com um comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, ásperas e escabrosas como cascas de ostras; ergueu uma pata dianteira e com a cabeça levantada e os olhos cintilantes encarou-nos fixamente. Como nenhum de nós trazia arcabuz ou pistola, mas somente espadas e arcos e flechas na mão, armas inúteis contra animal tão bem armado, ficamos quedos e imóveis, pois temíamos que, fugindo, o bruto viesse contra nós e nos devorasse. O monstruoso e medonho lagarto, abrindo a bôca por causa do grande calor que fazia e soprando tão fortemente que o ouvíamos muito bem, contemplou-nos durante um quarto de hora; voltou-se depois, de repente, e fugiu morro acima fazendo maior barulho nas fôlhas e ramos varejados do que um veado correndo na floresta. O susto nos tirou a lembrança de persegui-lo e, louvando a Deus por ter-nos livrado do perigo, prossequimos no passeio. E como dizem que o lagarto se deleita ao aspecto do rosto humano, é certo que êsse teve tanto prazer em olhar para nós quanto nós tivemos pavor em contemplá-lo.

Existe nesse país um animal chamado *lan-u-are*<sup>25</sup> pelos selvagens, o qual tem pernas quase tão altas e é tão veloz na carreira quanto o galgo; muito se parece porém com a onça, com pêlos no mento e a pele lindamente manchada. Os selvagens temem essa fera, pois vive de prêsca como o leão e quando pode agarrar algum índio o mata, despedaça e devora. E como os selvagens são cruéis e vingativos contra tudo o que os prejudica, quando pilham nas suas armadilhas<sup>26</sup> uma dessas feras, o que não raro conseguem, flecham-na e a golpeiam e a deixam nos fossos durante muito tempo antes de acabar de matá-la.

Para que melhor se compreenda como êsse animal os maltrata, contarei o seguinte: certa vez em que eu e cinco ou seis franceses passamos para a grande ilha, advertiram-nos os selvagens do lugar

de que nos acautelássemos contra a *lan-u-are* pois naquela semana comera ela três pessoas numa aldeia indígena.<sup>27</sup>

Há também nessa terra do Brasil grande número de pequenos macacos pretos a que os selvagens chamam *cay*;<sup>28</sup> como entretanto já se encontram muitos por aqui, parece-me inútil descrevê-los. Direi todavia que vivem nas matas dêsse país, trepados em certas árvores produtoras de um fruto com caroços semelhantes às nossas grandes favas e que lhes serve de alimento. Reunidos geralmente em bandos, sobretudo no tempo das chuvas, é grande prazer ouvi-los gritar e celebrar o seu sabbat nas árvores, tal como o fazem os nossos gatos nos telhados. Êsse animal só traz no ventre um feto, o qual ao nascer logo se agarra ao pescoço do pai ou da mãe; perseguido pelos caçadores, salta de galho em galho e assim se salva. Por isso não conseguem os selvagens facilmente apanhar nem indivíduos novos nem velhos e só os chegam a pegar derrubando-os das árvores a flechadas, donde caem atordoados e algumas vezes feridos. Depois de curados e domesticados em casa, trocam-nos os selvagens com os estrangeiros que por aí viajam por quaisquer mercadorias. Digo depois de domesticados, porque, quando recém-apanhados, são êsses macacos ferozes; mordem e dilaceram os dedos e as mãos dos apreensores, causando-lhes tamanha dor que os pacientes os matam a pancadas para se livrarem da agressão.

Também existe na terra do Brasil outra espécie de macacos a que os selvagens chamam *saguim*.<sup>29</sup> Têm o tamanho e o pêlo do esquilo, mas o focinho, e o pescoço e a cara parecidos com' os do leão; apesar de bravio é o mais lindo animalzinho que já vi. Se resistisse como o mono à travessia, seria aqui muito apreciado; mas é delicadíssimo, não suporta o balanço do navio e é tão melindroso que qualquer contrariedade o mata de desgosto. Entretanto já se vêem na Europa alguns dêsses animaizinhos a que Marot<sup>30</sup> alude quando assim se exprime fazendo falar seu servo Fripelipes com um certo Sagon:

*Combien que Sagon*<sup>31</sup> *soit un mot,*  
*est le nom d'un petit marmot*



Embora eu confesse que apesar de minha curiosidade não notei todos os animais dessa terra da América como o desejara, descreverei para terminar dois outros de forma extraordinária e singular.

O maior, chamado hay<sup>32</sup> pelos selvagens é do tamanho de um cão-d'água grande e sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano; tem o ventre pendurado como o da porca prenhe, o pêlo pardo-escuro como a lã do carneiro prêto, a cauda curtíssima, as pernas cabeludas como as do urso e as unhas muito longas. Embora seja muito feroz, no mato, facilmente se amansa. Mas é verdade que, por causa das unhas, nossos tupinambás, que andam sempre nus não gostam de folgar com êle. O que parece fabuloso, mas é referido não só por moradores da terra mas ainda por adventícios com longa residência no país, é não ter jamais ninguém visto êsse bicho comer, nem no campo nem em casa e julgam muitos que êle vive de vento.<sup>33</sup>

O outro animal a que me refiro e ao qual os selvagens chamam coati<sup>34</sup> é do porte de uma lebre grande, tem pêlo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, erectas, pontudas; a cabeça é pouco volumosa e o focinho, que começa nos olhos, tem mais de um pé de comprimento; redondo como um bastão afina de repente conservando a mesma grossura desde cima até perto da bôca, a qual é tão pequena que nela cabe apenas a ponta do dedo mínimo. Não me parece que exista algo mais extravagante ou monstruoso do que êsse focinho semelhante a um canudo de gaita de foles. Quando apanhado, conserva os quatro pés juntos, caindo sempre para um ou para outro lado ou se esparramando no chão, de sorte que ninguém pode mantê-lo de pé; só se alimenta de formigas.<sup>35</sup>

Quase oito meses depois de chegarmos à ilha em que se encontrava Villegagnon, os selvagens trouxeram-nos um dêsses *coatis* o qual, como é de imaginar foi muito apreciado pela novidade. Por ser tão estranho, em comparação com os animais da Europa, mais de uma vez pedi a um tal João Gardien, perito desenhista da nossa comitiva, que mo desenhasse juntamente com outros animais desconhecidos na Europa; infelizmente êle nunca me atendeu.

## DA VARIEDADE DE AVES DA AMÉRICA, TODAS DIFERENTES DAS NOSSAS; DOS BANDOS DE GRANDES MORCEGOS, DAS ABELHAS, MOSCAS VAREJEIRAS E OUTROS VERMES SINGULARES DÊSSE PAIS

Começarei também êste capítulo das aves, a que os tupinambás chamam de um modo geral urá,<sup>36</sup> pelas que servem de alimento. Antes de mais nada direi que êles possuem em grande abundância essas galinhas grandes, ditas da índia e que êles denominam *arinhan-assú*;<sup>37</sup> os portugueses introduziram no país as galinhas comuns, antes desconhecidas e a que os selvagens chamam *arinham-mirim*. Como já disse, embora apreciem as galinhas brancas, por causa das penas que tingem de vermelho e com as quais se enfeitam, não as comem. E como pensam que os ovos, *arinhan-ropiá*<sup>38</sup> são venenosos, não só ficavam muito admirados em nos ver sorvê-los mas ainda diziam que por falta de paciência para deixá-los chocar praticávamos a gulodice de comer uma galinha inteira num ôvo. Não dão importância às suas galinhas, tal qual se tratasse de aves silvestres; deixam-nas andar por onde querem e elas chocam nos matos e moitas de sorte que as mulheres selvagens não têm o trabalho de criar os pintos com gema de ovo como se faz entre nós. E as galinhas se multiplicam entretanto de tal forma nesse país que há localidades ou aldeias pouco freqüentadas pelos estrangeiros, onde, por uma faca do valor de um carolus<sup>39</sup> se tem uma galinha da índia; e por uma de dois *liards*<sup>40</sup>, ou por cinco ou seis anzóis se obtêm três a quatro galinhas pequenas comuns.

Além dessas duas espécies de aves domésticas, criam os nossos selvagens patos, a que chamam *ypec*<sup>41</sup>. Como, porém, êsses pobres tupinambás acreditam estupidamente<sup>42</sup> que se comessem desse animal de andar vagaroso não poderiam correr quando perseguidos por seus inimigos, muito hábil será quem os persuadir do contrário. Pela mesma razão se abstêm de todos os animais lentos, inclusive de certos peixes, como a arraia, que não nadam com rapidez.

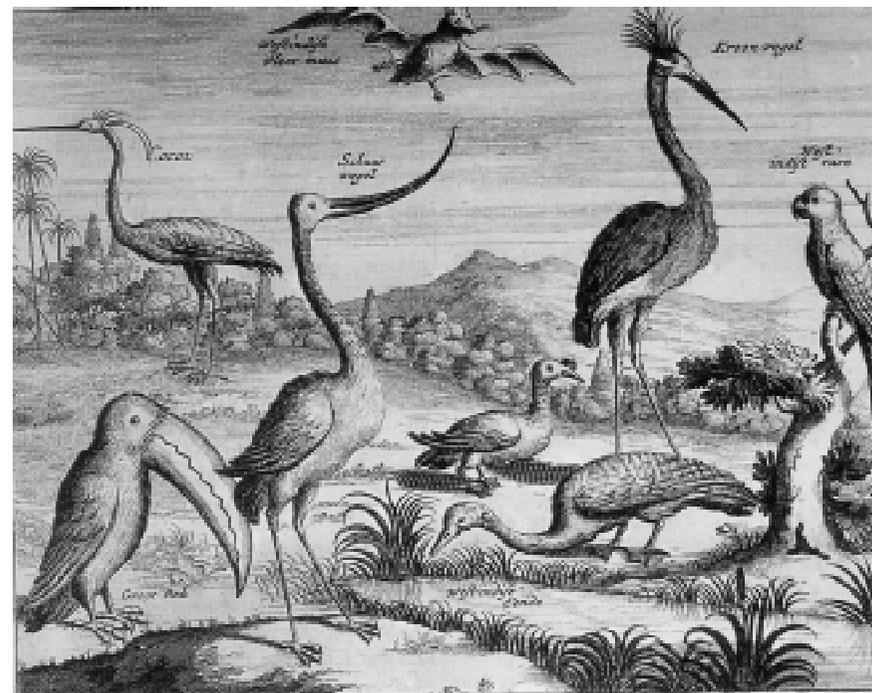


Quanto às aves silvestres, apanham-se algumas no mato, do tamanho de capões, de três espécies: *lacutin*<sup>43</sup>, *lacupem*<sup>44</sup> e *lacu-assú*<sup>45</sup>, tôdas de plumagem escura ou negra; parecem-rne da família dos faisões e posso assegurar que não há melhor carne. Existe outra espécie excelente, a dos *muton*<sup>46</sup>, que são do tamanho dos pavões e têm a Plumagem igual à dos *lacus*<sup>47</sup>; mas são raros. O *mocacouá*<sup>48</sup> e o *inambú uassú*<sup>49</sup> são espécies do tamanho de um ganso e têm o mesmo gôsto que as precedentes. E assim ocorre com o *inambu-mirim*<sup>50</sup>, do tamanho das nossas perdizes, o *pegassú*<sup>51</sup>, semelhante a um pombo trocáz e o *paiacarú*<sup>52</sup> que vale uma rôla. Abreviando a descrição dessa caça que se encontra em grande abundância nas matas, nas praias e, às margens dos rios e lagoas, tratarei das aves que não são comuns na alimentação. Entre outras duas existem, do mesmo tamanho ou pouco mais ou menos, isto é, maiores do que o corvo e de garras e bicos aduncos como os papagaios, entre os quais poderíamos incluí-las. Quanto à plumagem, como o vereis pela descrição, não creio que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante; contemplando essas aves, somos forçados a exaltar não a natureza, como fazem os profanos mas o admirável criador dessas maravilhas. A primeira, a que os selvagens chamam *ará*,<sup>53</sup> tem as penas das asas e da cauda longas de pé e meio, metade vermelho-escarlata, metade azul-celeste do mais brilhante que possa existir; o resto do corpo é também azul, separando sempre a nervura de cada pena as côres opostas lado a lado. Quando essa ave se expõe ao sol, como sempre acontece, não se fartam os olhos humanos de contemplá-la.

A outra ave, dita *canidé*<sup>54</sup> tem a plumagem do peito amarela como o ouro fino; o dorso, as asas e a cauda são de um bellissimo azul, e pasmamos ante tanta formosura ao vê-la como que vestida de ouro e por cima tôda sombreada de roxo.

Os selvagens em suas canções aludem frequentemente a essa ave, dizendo e repetindo muitas vèzes: *canidé-iune*, *canidé-iune heýra-ueh*,<sup>55</sup> isto é, ave-amarela, ave-amarela etc., pois na sua linguagem *june* ou *jupe*<sup>56</sup> quer dizer amarelo. Embora essas duas aves não

sejam domésticas, encontram-se mais comumente nas grandes árvores existentes nas aldeias do que na mata; os nossos tupinambás as depenam cuidadosamente três a quatro vèzes ao ano e fazem com as penas cocares, braceletes, guarnições de clavas e outros enfeites com que adornam o corpo.<sup>57</sup> Trouxe comigo para a França muitas dessas penas, principalmente as vermelhas e azuis da cauda; no meu regresso, porém, ao passar por Paris um indivíduo<sup>58</sup> da Côrte, a quem as mostrei, não cessou de importunar-me enquanto não as obteve.



NIUHOF, Johan. Gedenkweerdige Brasiliae Zee-en Lant-Reize (...). Amsterdam, 1681 (não consta na Publicação Terras do Brasil, de Jean de Léry)

Os papagaios nessa terra do Brasil são de três ou quatro espécies: os maiores e mais bonitos, a que os selvagens chamam *ajurús*,<sup>59</sup> têm a cabeça rajada de amarelo, vermelho e roxo, as pontas das asas encarnadas, a cauda comprida e amarela e o resto do corpo



verde; poucos chegam até cá. Entretanto são notáveis pela beleza da plumagem e como, quando ensinados, são os que melhor falam, apreciam-nos mais do que os outros. Com efeito, um intérprete presenteou-me com uma dessas aves que há três anos conservava em seu poder. Pronunciava ela tão perfeitamente as palavras da língua selvagem e da francesa, que não era possível distinguir a sua voz da de um homem.

Maior maravilha ainda me pareceu, porém, um papagaio dessa espécie pertencente a certa índia de uma aldeia distante duas léguas da nossa ilha. Dir-se-ia que essa ave entendia o que lhe falava a sua dona. Quando por ali passávamos esta nos interpelava: “dá-me um pente ou um espelho e eu farei com que o meu papagaio cante e dance em vossa presença”. Se dávamos o que pedia, bastava-lhe uma palavra para que o pássaro comesse a saltar na vara em que pousava, a conversar, assobiar e arremedar os selvagens de partida para a guerra, de um modo incrível. E quando a dona dizia para cantar, êle cantava; e também dançava quando ela lho ordenava. Se porém não lhe dávamos nada, ela se limitava a dizer asperamente ao papagaio: *augé*,<sup>60</sup> isto é, “para” e êle se aquietava sem proferir palavra e por mais que lhe disséssemos não movia nem o pé nem a língua. Se os antigos romanos foram bastante sábios para fazer suntuosos funerais ao corvo que, em seus palácios os saudava por seus próprios nomes, tirando mesmo a vida a quem o matava, como nos refere Plínio,<sup>61</sup> imagine-se o que não teriam feito se tivessem possuído um papagaio tão perfeitamente ensinado!

A índia chamava-o *cherimbané*<sup>62</sup> o que quer dizer: coisa muito amada. E o apreciava tanto, em verdade, que se lhe perguntávamos quanto queria por êle, para vender, respondia: *mocauassú*<sup>63</sup> isto é, canhão grande, de modo que nunca o pudemos obter.<sup>64</sup>

A segunda espécie de papagaios é a dos chamados *marganaz*.<sup>65</sup> Trazem-no para cá os viajantes comumente e não são de grande estimação entre os selvagens por existirem em tamanha abundância quanto os pombos em França. A carne é um tanto dura, mas como sabe a perdiz nós a comíamos sempre.

A terceira espécie, a dos chamados *toys*<sup>66</sup> pelos selvagens, e *moissons* pelos marujos normandos, não é maior que o estorninho; tem o corpo todo verde, cõre de pãra, à exceção da cauda, muito comprida e entremeada de amarelo.

Lembrando-me de ter alguém escrito na “*Cosmografia*”<sup>67</sup> que os papagaios fazem seus ninhos pendentes das árvores a fim de evitar que as serpentes lhes comam os ovos, cumpre-me dizer, antes de terminar com êste assunto, que vi o contrário no Brasil. Os papagaios fazem seus ninhos redondos e rígidos no ôco das árvores; considero portanto uma bobagem a asserção do autor daquêle livro.<sup>68</sup>

É o *tucan*,<sup>69</sup> a que já aludi, outra bela ave do país dos americanos. É do tamanho de um pombo trocáz e, com exceção do papo, tem a plumagem negra como a da gralha. O papo, de quatro dedos de comprimento por três de largura, é mais amarelo do que o açafão e orlado de vermelho por baixo. Os selvagens utilizam-se de suas penas para cobrir o corpo e o rosto quando dançam e, por isso, o denominam *tucantaburacé*,<sup>70</sup> o que quer dizer pena de dançar. Todavia, como possuem grande quantidade dessas penas, embora as apreciem muitíssimo não hesitam em trocá-las com portugueses e franceses contra quaisquer mercadorias. O bico do tucano (*tucan*) é maior do que o corpo em comprimento e com grossura proporcional; não é possível compará-lo ao bico do *grou*, com o qual não se assemelha em coisa alguma, mas pode-se dizer que é não só o bico dos bicos, mas ainda o mais singular e monstruoso que existe no mundo das aves. Não é sem razão, portanto, que Belon o desenhou no fim de sua obra sôbre as aves, embora não lhe dê o seu nome exato.



Vive no Brasil outra espécie de pássaro, que é do tamanho de um melro, também prêto como êste, salvo no peito, que é vermelho como sangue de boi. Esfolam-no os selvagens como o precedente e denominam *panon*.<sup>71</sup> Há outro pássaro ainda, semelhante ao tordo, a que chamam *quiampian*<sup>72</sup> e é inteiramente escarlate. Mas a obra-prima de pequenez e maravilha é o pequeno pássaro denominado *gonambych*<sup>73</sup> pelos selvagens. Tem as penas esbranquiçadas e brilhantes e embora não seja maior do que um besouro, prima no canto. Êsse pequeníssimo passarinho quase não se arreda de cima dos pés de milho, o avatí dos índios, ou de outros arbustos, e está

sempre de bico aberto. Se o não víssemos e ouvíssemos não poderíamos acreditar que de tão miúdo corpo pudesse sair canto tão alto, claro, nítido como o do rouxinol.

Como não me seria possível especificar minuciosamente tôdas as aves existentes no Brasil, tão diversas das nossas nas côres que lhes são peculiares, isto é, encarnado, branco, roxo, cinzento, púrpura etc., finalizarei pela descrição de uma, entre as demais, que os selvagens têm em grande estima. Muito se penalizariam se alguém lhe fizesse mal e ai de quem a matasse! É cinzenta e maior do que o pombo e tem a voz mais aguda e plangente ainda do que a coruja.<sup>74</sup> os nossos tupinambás imaginam entretanto ao ouvirem-na clamar à noite, principalmente, serem seus parentes e amigos mortos que a enviam em sinal de boa fortuna, para animá-los na guerra; crêem firmemente que observando o que lhe indica o augúrio não só vencerão os inimigos nesta terra, mas ainda, depois da morte, o que é mais importante irão dançar com seus ancestrais além das montanhas.

Certa noite em que dormi numa aldeia chamada *Ypec*<sup>75</sup> pelos franceses, ouvi à tarde cantarem êsses pássaros um canto melancólico e vi os selvagens quedarem silenciosos e atentos. Conhecendo a causa de tal atitude, quis convencê-los de seu êrro. Mas apenas toquei no assunto e me pus a rir juntamente com outro francês que me acompanhava, um ancião ali presente exclamou com rudeza: “Cala-te e não nos impeças de ouvir as boas novas que nos enviam nossos avós; quando ouvimos essas aves ficamos todos contentes e nos sentimos com novas fôrças”. Pareceu-me inútil replicar mas lembrei-me dos que acreditam e ensinam que as almas dos mortos vêm do purgatório advertirnos dos nossos deveres e julguei que, a êsse respeito, não estavam os selvagens tão longe da verdade. Confessam a imortalidade da alma, como explicarei oportunamente, mas estão longe de crer que volte depois da morte separada do corpo; apenas admitem que mande mensageiros alados.

Dito tudo o que tinha a dizer acêrca das aves da América, falarei agora dos morcegos.



Nesse país existem morcegos <sup>76</sup> do tamanho das nossas pequenas galinhas. Entram dentro das casas e se encontram alguém dormindo com o pé descoberto atacam logo o dedão e sugam não raro um púcaro de sangue sem que a vítima o perceba. Por isso quando despertávamos pela manhã muito nos admirávamos de ver sangue nas roupas de cama e nas adjacências. Mas os selvagens não se incomodam em absoluto com isso e ainda caçoam dos que são mordidos. Deu-se o caso comigo e, além do motejo de que fui vítima, durante dois ou três dias senti dificuldade em calçar-me por ter ofendida a extremidade do dedão, embora não fôsse grande a dor. Os moradores da costa de Cumana, terra situada a quase dez graus aquém da linha equinocial, são do mesmo modo molestados por êsses grandes e maléficos morcegos. O autor da *História Geral das Índias* conta mesmo um episódio jocoso a êsse respeito.<sup>77</sup>

Achava-se doente em Santa Fé de Caribici, vítima de uma pleuris, o criado de um frade. Como não encontrassem a veia para sangrá-lo foi deixado por morto; mas à noite apareceu um morcego que o mordeu no calcanhar descoberto, fartando-se de sangue; e como deixasse a veia aberta, tanto sangue perdeu a vítima, que sarou. Foi o morcêgo, digo-o eu como historiador, o benemérito cirurgião do pobre doente.

Assim, não obstante o mal que fazem os morcegos da América, longe estão de ser nocivos como essas aves sinistras a que os gregos chamavam estrígias e que, segundo Ovídio <sup>78</sup> sugavam os meninos no bêrço, razão pela qual êsse nome foi dado mais tarde às feiticeiras.

As abelhas <sup>79</sup> da América não se parecem com as nossas; antes se assemelham às pequenas môscas pretas que temos no estio e, principalmente, no tempo das uvas. Fazem seu mel e sua cêra, produtos que os selvagens sabem aproveitar, em paus ocos das florestas. Às colmeias chamam os selvagens *íra-ietíc*, de *íra*, mel, e *ietíc*,<sup>80</sup> cêra. Comem o mel como o fazemos e reúnem a cêra em rolos pretos da grossura de um braço. Não o empregam em archotes ou velas, pois só usam para iluminar certas madeiras que dão luz claríssima, mas utilizam-na para betumar grossos canudos de

taquara a fim de preservar de certas borboletas as plumas que nêles guardam. A êsses animaizinhos chamam os selvagens *aravers*;<sup>81</sup> são do tamanho dos nossos grilos e saem à noite em bandos à procura de luz e roem tudo o que encontram. Lançam-se aos cabeções e sapatos com tal gana que seus donos os acham brancos e roídos no dia seguinte; o mesmo acontecia com as galinhas e outras aves assadas que deixássemos mal guardadas durante a noite. Podíamos ter certeza de não as encontrar pela manhã.

Os selvagens também são perseguidos pelo tú,<sup>82</sup> pequenos insetos que vivem na terra e não são maiores do que as pulgas.

Entretanto, depois que penetram na carne, em geral sob as unhas do pé e da mão, provocam forte comichão e faz-se mister extirpá-los imediatamente. Sem o que, entram mais profundamente e se tornam do tamanho de uma ervilha que não pode ser tirada sem dor. E não somente os selvagens nus e descalços as suas vítimas; também os franceses, por melhor vestidos e calçados que andem precisam tomar cuidado. Assim, por mais cauteloso que eu fôsse, não consegui evitá-los e tiraram-me certo dia mais de vinte de diversas partes do corpo.

Vi pessoas desleixadas que ficaram com o corpo singularmente comovido por essas traças-pulgas. Não só tinham estragadas as mãos e os pés, mas ainda o sovaco e outras partes moles cobertos de pequenas verrugas causadas por êsses insetos.

Tenho a convicção de que o tú é o que o historiador das índias chama a *nígua* <sup>83</sup> da ilha espanhola. Eis o que a respeito escreve: “A nígua é como uma pequena pulga saltadeira; gosta da poeira; só morde nos pés onde se mete entre a pele e a carne e logo põe lêndas em maior quantidade de que o poderíamos pensar em razão da sua pequenez. Essas lêndas engendram outras e se as deixam sem combatê-las, multiplicam-se de tal modo que não é possível extirpá-las ou tratá-las a não ser com ferro ou fogo; mas se as tiram logo, causam pequeno mal”. Alguns espanhóis, acrescenta o autor, perderam os dedos do pé, e outros todo o pé.



A fim de prevenir o mal, os nossos americanos esfregam a ponta dos dedos dos pés e outras partes do corpo, em que êsses vermes procuram aninhar-se, com certo óleo avermelhado e espêssso tirado de um fruto, *curoc*,<sup>84</sup> semelhante à castanha encascada. Assim o fazíamos também nós. Aliás êsse unguento é excelente na cura de chagas, fraturas e outras dores do corpo humano; os selvagens, conhecedores de sua eficácia o reputam tão precioso quanto alguns indivíduos de França ao chamado óleo santo.<sup>85</sup> Por isso o barbeiro do navio em que regressamos trouxe consigo dez ou doze potes dêsse óleo bem como outros tantos de gordura humana que recolhera quando os selvagens cozinhavam e assavam seus prisioneiros de guerra, como o descreverei oportunamente.

O ar desta terra do Brasil produz ainda certa espécie de mosquitos pequeninos, chamados *jetim*<sup>86</sup> que picam como pontas de agulha através das roupas leves. Pode-se imaginar quanto é divertido ver os selvagens nus perseguidos por êsses insetos; com palmadas nas nádegas, coxas, braços e espáduas, parecem cocheiros açoiando os cavalos com os seus chicotes.

Acrescentarei ainda que sob as pedras encontram-se no Brasil escorpiões, os quais menores que os da Provença são venenosos e mesmo mortais como verifiquei. Costuma êsse animal procurar os objetos claros e aconteceu que tendo eu mandado lavar a minha rêde e estendê-la à moda dos selvagens, apareceu um escorpião que se ocultara em uma dobra. Ao deitar-me, sem o ter visto, enfiou-me o ferrão no dedo grande da mão esquerda e êste inchou tão rapidamente que se não tivesse recorrido logo a um dos nossos boticários, que possuía alguns dêsses animais em conserva de azeite<sup>87</sup> em uma garrafinha, o veneno se teria espalhado rapidamente por todo o corpo. Não obstante êsse remédio, considerado o mais poderoso para o mal, fiquei em tal aflição durante vinte e quatro horas que não podia suportar a violência da dor. Os selvagens, quando mordidos, usam da mesma receita, isto é, matam o escorpião e o esmagam sôbre a parte ofendida, imediatamente.

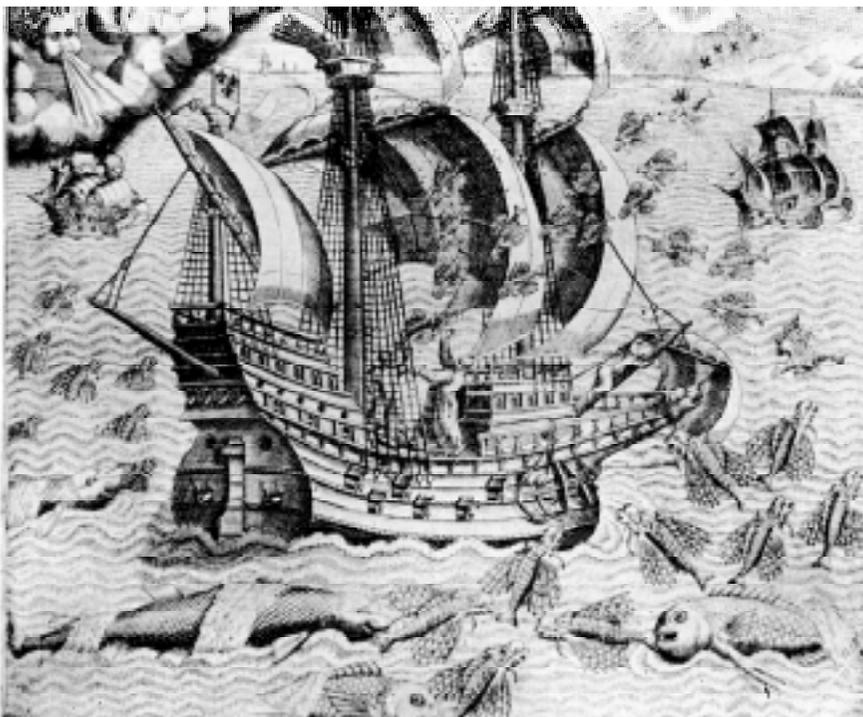
Os selvagens, como já disse, são muito vingativos<sup>88</sup> e se enfurecem contra tudo o que os ofende; se dão uma topada, mordem a pedra a dentadas como cães enraivecidos. Por isso perseguindo os animais daninhos libertam dêles o país.

Existem ainda caranguejos terrestres a que os tupinambás chamam *ussa*,<sup>89</sup> e surgem aos bandos nas praias e outros lugares pantanosos. Quando alguém se aproxima, fogem de costas e se salvam com celeridade nos buracos abertos nos troncos e raízes das árvores, donde não podem ser tirados sem perigo por causa de seus ferrões, embora possa a pessoa chegar fãcilmente até o buraco visível. Mais magros do que os caranguejos marinhos, quase não têm carne e exalam cheiro de raiz de cânhamo, não sendo de bom paladar.



## DOS PEIXES MAIS COMUNS E DO MODO DE PESCÁ-LOS<sup>90</sup>

A fim de evitar repetições, remeto o leitor aos capítulos III, V e VII \* desta narrativa, nos quais mencionei as baleias, verdadeiros monstros marinhos, os peixes voadores e outros de várias espécies, e só tratarei aqui dos não citados ainda.



\* Os Capítulo III - Dos Bonitos, Albacores, Dourados, Golfinhos, Peixes-Voadores e outros de várias espécies que vimos e apanhámos na zona torrida, Capítulo V - Do descobrimento e primeira vista que tivemos da Índia Ocidental ou terra do Brasil, bem como de seus habitantes selvagens e do mais que nos aconteceu até o Trópico de Capricórnio e Capítulo VII - Descrição do Rio Guanabara, também denominado de Janeiro; da Ilha de Coligny e do Fortim nela edificado, bem como das ilhas vizinhas, do livro **Viagem à Terra do Brasil** de Jean de Léry não estão incluídos nesta publicação.

Começarei dizendo que os selvagens chamam ao peixe, genéricamente, *pirá*<sup>91</sup> dando nomes particulares às diversas espécies. Denominam *kyremá*<sup>92</sup> e *paratí*<sup>93</sup> certos sargos que, assados ou cozidos, são muito saborosos, principalmente os segundos. Êsses peixes andam em geral em cardumes, tal qual ocorre na Europa, onde os vi no Loire e em outros rios de França subirem do mar. Quando os vêem assim em bandos aproximam-se os selvagens de repente e com flechas certa<sup>94</sup> em poucos momentos físgam muitos peixes. Como, feridos, não podem ir ao fundo os flechadores os apanham a nado. A carne d'esses peixes é muito friável, por isso costumam os selvagens, quando os pescam em grande quantidade, moqueá-los e reduzi-los a farinha.

O *camuroponí-uassu*<sup>95</sup> é um peixe muito grande a que os tupinambás fazem menção, em suas danças e cantos, repetindo muitas vêzes: *pirá-uassú a uéh, camurupuí-uassú* etc.,<sup>96</sup> o que quer dizer "bom de comer".

Existem outros peixes, *uará* e *acará-uassú*<sup>97</sup> quase do mesmo tamanho, mas bem melhores, não me parecendo que o *uará* seja menos delicado do que a nossa truta.

Há outro peixe a que chamam *acarapeh*,<sup>98</sup> é chato e, quando cozido, desprende uma gordura amarela que pode servir de mólho. A carne é ótima. Também se encontra *oacará-buta*,<sup>99</sup> peixe viscoso de côr escura ou avermelhada, muito menor do que os precedentes e menos agradável ao paladar.

Outro peixe, de nome *pirá-yepochí*,<sup>100</sup> do comprimento da enguia, não vale grande coisa; *yepochí* na língua indígena quer dizer "ruim".

As arraias, que os selvagens pescam no Rio de Janeiro e nos mares vizinhos, são maiores que as da Normandia, da Bretanha e de outros lugares da Europa. Têm dois chifres compridos, cinco ou seis gretas que parecem artificiais, no ventre, e a cauda longa e fina. São temíveis e venenosas. Um dia apanhamos uma e ao colocá-lo na



embarcação aconteceu picar um companheiro nosso na perna; esta logo se tornou vermelha e inchada.

Eis em resumo o que me cabe dizer a respeito de alguns peixes de água salgada da América, os quais são entretanto inumeráveis.

Os rios dêsse país estão cheios de uma infinidade de peixes medianos e pequenos aos quais chamam os selvagens *pirá-mirim*, de um modo genérico. Entretanto descreverei apenas aqui duas espécies características pela sua deformidade.

A primeira, a que os selvagens denominam *tamuatá*<sup>101</sup> mede comumente meio pé de comprimento apenas; tem a cabeça muito grande, monstruosa, em verdade, em relação ao resto do corpo, duas barbatanas debaixo das guelras, dentes mais aguçados que os dos lúcios, espinhais penetrantes, e são armados de escamas tão resistentes que não creio lhes faça mossa uma cutilada; nisso se assemelha a um tatú, como já disse alhures. A carne é tenra e muito saborosa. Os selvagens dão o nome de *paná-paná*<sup>102</sup> a outro peixe de tamanho médio; tem corpo e cauda semelhantes aos do precedente e a pele áspera como a do tubarão. A cabeça é chata, sarapintada e mal conformada, a ponto de parecer, fora d'água, separada em duas, o que oferece um aspecto horrendo.

Quanto ao modo de pescar, usam os selvagens flechas como para os sargos. Aliás assim fazem com todos os peixes visíveis dentro d'água. Cabe observar que na América tanto os homens como as mulheres sabem nadar e são capazes de ir buscar a caça ou a pesca dentro d'água como um cão. Também os meninos apenas começam a caminhar já se metem pelos rios e pelas praias, mergulhando como patinhos. Basta dizer que certo domingo pela manhã, quando passeávamos na plataforma de nosso fortim, vimos virar uma canoa que se dirigia para o nosso lado, com mais de trinta selvagens entre homens e meninos. Pressurosos fomos em socorro dos naufragos com um escaler, mas encontramos todos risonhos nadando. E disse-nos um dêles: “para onde ides tão apressados, mair?” (assim chamam os franceses). “Vínhamos salvar-

vos e tirar-vos da água”, respondemos.

Mas o selvagem replicou: “Agradecemos a vossa boa vontade, mas pensáveis que por têmos caído no mar estávamos em perigo de afogar-nos? Ora, sem tomar pé nem chegar à terra ficaríamos oito dias em cima d'água. Temos muito mais mêdo de sermos pegados por um peixe grande que nos puxe para o fundo do que de afogar-nos”.

E os demais selvagens que, todos, nadavam como verdadeiros peixes, advertidos pelo companheiro da causa de nossa vinda, puseram-se a zombar e tanto riam que nos davam a impressão de um bando de golfinhos a soprar e roncar em cima d'água. E com efeito, embora estivéssemos ainda a mais de um quarto de légua do forte somente quatro ou cinco quiseram entrar no bote, assim mesmo mais para conversar que de temor. Verifiquei que os outros, nadando às vêzes mais depressa do que o barco, não só o faziam galhardamente mas ainda sabiam descansar sôbre as águas quando lhes aprazia. Quanto às rêdes de algodão, víveres e outros objetos que traziam na canoa, sua perda não os incomodava mais do que a nós a de uma maçã; aliás afirmavam que em terra tinham outras coisas iguais.

Não quero omitir a narração que ouvi de um dêles de um episódio de pesca. Disse-me êle que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras<sup>103</sup> procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora d'água e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido. Resolva o leitor sôbre se se tratava de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho, atendendo a opinião de certos autores que admitem existirem no mar tôdas as espécies de animais terrestres.<sup>104</sup> Quanto a mim, embora não desmintam a existência de tais coisas, direi francamente que durante nove meses de navegação



em alto mar sem pôr o pé em terra senão uma vez, e ainda por ocasião das viagens costeiras que fiz, nada vi semelhante. Entre a infinidade de peixes que apanhamos nunca deparei com nenhum que tivesse fisionomia humana.

Terminando, direi, ainda, a respeito de modo de pescar dos tupinambás, que além das flechas usam também espinhas à feição de anzóis, prêsas à linhas feitas de uma planta chamada *tucom*<sup>105</sup> a qual se desfia como cânhamo e é muito mais forte. Com êsse apetrecho pescam de cima das ribanceiras e à margem dos rios. Também penetram no mar e nos rios em jangadas, a que chamam *piperis*; são feitas de cinco ou seis paus redondos, mais grossos que o braço de um homem, e bem amarrados com cipós retorcidos. Sentados nessas jangadas, com as pernas estendidas dirigem-nas para onde querem com um bastão chato que lhes serve de remo. Como êsses *piperis*<sup>106</sup> têm apenas uma braça de comprimento e dois pés mais ou menos de largura, resistem mal às tormentas e mal podem sustentar um homem. Quando o tempo está bom e os selvagens pescam separadamente, parecem de longe, tão pequenos se vêem, macacos ou melhor rãs, aquecendo-se ao sol em achas de lenha sôltas nas águas. Como essas jangadas, feitas à feição de órgãos, flutuam como pranchas grossas, penso que se as construíssemos em França teríamos um bom meio de atravessar os rios e pântanos, e lagos de águas paradas ou de fraca correnteza, diante dos quais nos vemos muitas vêzes embaraçados.

Acrescentarei ainda que quando os selvagens nos viam pescar com as rêdes que trouxéramos e a que êles chamavam *pyissa-uassú*,<sup>107</sup> mostravam-se solícitos em ajudar-nos, espantados com ver-nos apanhar tanto peixe de uma só vez. Se porventura os deixávamos manejar as rêdes, revelavam grande habilidade.

Depois que os franceses começaram a traficar com o Brasil, os selvagens colheram vantagens das mercadorias que começaram a receber. Por isso louvam os traficantes; pois outrora eram obrigados a se servir de espinhas em vez de anzóis e agora gozam das vantagens dessa bela invenção que é o anzol de ferro. Daí, como já disse,

terem os rapazes dessa terra aprendido a dizer aos estrangeiros que encontram: de *agotarem amabe pindá*<sup>108</sup> isto é, dá-me anzóis, pois *agotarem*<sup>109</sup> no seu idioma quer dizem bom, *amabe*<sup>110</sup> dá-me, e *pindá*<sup>111</sup> anzol. Se não lhe dão o que pedem, a canalha repete com insistência: de *angaipd ajucá*,<sup>112</sup> isto é, tu não prestas, devemos matar-te.

Portanto, quem quiser ser amigo, tanto dos velhos como das crianças, nada deve negar-lhes. Verdade é que não são ingratos, principalmente os velhos, pois quando menos pensamos no obséquio, êles se lembram do donativo e o retribuem com qualquer coisa.

Observei que os selvagens amam as pessoas alegres, galhofeiras e liberais, aborrecendo os taciturnos, os avaros e os neurastênicos. Posso pois assegurar aos sovinas, e aos aventos, aos que comem dentro da gaveta, que não serão bem-vindos entre os tupinambás, porquanto detestam tal espécie de gente.





## DAS ÁRVORES, ERVAS, RAÍZES E FRUTOS DELICIOSOS QUE A TERRA DO BRASIL PRODUZ

Tendo falado dos animais quadrúpedes, das aves, dos peixes, dos répteis e outras coisas com vida e movimento existentes na América, quero, antes de descrever os costumes dos nossos selvagens a que ainda não me referi, falar das plantas, frutos e raízes que se encontram nesse país.

Devo começar pela descrição de uma das árvores mais notáveis, e apreciadas entre nós por causa da tinta que dela se extrai: o pau-brasil<sup>113</sup> que deu nome a essa região. Essa árvore, a que os selvagens chamam *arabutan*<sup>114</sup> engalha como o carvalho das nossas florestas e algumas há tão grossas que três homens não bastam para abraçar-lhes o tronco.

A respeito de árvores grossas, diz o autor da “História Geral das Índias Ocidentais”<sup>115</sup> que nessas regiões lhe foi dado ver duas árvores com troncos de extraordinária grossura; um media mais de oito braças de circunferência e outro além de dezesseis. Conta ainda que a primeira era tão alta que ninguém lhe podia alcançar o cimo com uma pedrada<sup>116</sup> e nela um cacique, por segurança armara a sua choça. Disso se riam os espanhóis, pois parecia pousar-se ali como uma cegonha. A segunda também maravilhosa mas o autor refere ainda que no país de Nicarágua existe uma árvore chamada *cerba*<sup>117</sup> engrossa a ponto de quinze homens não poderem abraçá-la.<sup>118</sup>

Voltando ao pau-brasil, direi que tem folhas semelhantes verde mais claro, e não dá frutos. Quanto ao modo de carregar os navios com essa mercadoria direi que tanto por causa da dureza e conseqüente dificuldade em derrubá-la, como por não existirem cavalos, asnos nem outros animais de tiro para transportá-la<sup>119</sup> é ela arrastada por meio de muitos homens; e se os estrangeiros que por aí viajam não fossem ajudados pelos selvagens não poderiam nem sequer em um ano carregar um navio de tamanho médio. Os selvagens em troca de algu-

mas roupas, camisas de linho, chapéus, facas, machados, cunhas de ferro e demais ferramentas trazidas por franceses e outros europeus, cortam, serram, racham, atoram e desbastam o pau-brasil transportando-o nos ombros nus<sup>120</sup> às vészes de duas ou três léguas de distância, por montes e sítios escabrosos até a costa junto aos navios ancorados onde os marinheiros o recebem. Em verdade só cortam o pau-brasil depois que os franceses e portugueses começaram a freqüentar o país; anteriormente, como me foi dito por um ancião, derrubavam as árvores deitando-lhes fogo.<sup>121</sup> Na Europa imaginam muitos que os toros redondos encontrados nos armazéns são da grossura natural das árvores; já observei que estas são muito grossas por isso os selvagens desbastam os troncos e os arredondam a fim de facilitar o transporte e o manejo nos navios. Como durante a nossa estada nesse país fizemos muitas fogueiras com o pau-brasil observei que a madeira não é úmida, mas naturalmente sêca e queima com pouca, ou quase nenhuma fumaça. Um dos nossos companheiros indo lavar camisas deitou por ignorância cinzas dessa madeira na lixívia; em vez de alvejá-las esta as tornou tão vermelhas que não achamos meio de tirar-lhes a coloração embora as tivéssemos lavado e ensaboado logo em seguida; e tivemos de usá-las assim com essa tintura. Se aquêles que mandam branquear suas camisas ou outras roupas engomadas nas Flandres duvidam do que digo, façam a experiência.

Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu *arabutan*. Uma vez um velho perguntou-me:<sup>122</sup> “Por que vindes vós outros, maírs e perôs<sup>123</sup> (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como êle o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam êles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente: e porventura precisais de muito? - Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só dêles compra todo o pau-brasil com



que muitos navios voltam carregados. - Ah! retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: Mas êsse homem tão rico de que me falas não morre? - Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo: e quando morrem para quem fica o que deixam? - Para seus filhos se os têm, respondi; na falta dêstes para os irmãos ou parentes mais próximos. - Na verdade, continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros mãis sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aquêles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados”.

Êste discurso, aqui resumido,<sup>124</sup> mostra como êsses pobres selvagens americanos, que reputamos bárbaros, desprezam àqueles que com perigo de vida atravessam os mares em busca de pau-brasil e de riquezas. Por mais obtusos que sejam, atribuem êsses selvagens maior importância à natureza e à fertilidade da terra do que nós ao poder e à providência divina; insurgem-se contra êsses piratas que se dizem cristãos e abundam na Europa tanto quanto escasseiam entre os nativos. Os tupinambás, como já disse, odeiam mortalmente os aventos e prouvera a Deus que êstes fôssem todos lançados entre os selvagens para serem atormentados como por demônios, já que só cuidam de sugar o sangue e a substância alheia. Era necessário que eu fizesse esta digressão, com vergonha nossa, a fim de justificar os selvagens pouco cuidadosos nas coisas dêste mundo. E, a propósito, poderia acrescentar o que o autor da “História das Índias Ocidentais”<sup>125</sup> escreveu acêrca de certa nação que habita o Peru. Diz êle que quando os espanhóis principiaram a colonizar êsse país os selvagens vendo-os barbados, delicados e mimosos, recearam que êles lhes corrompessem os antigos costu-

mes: não queriam por isso receber essa gente a que chamavam espuma do mar, isto é, gente sem país, homens sem descanso, que não param em parte alguma para cultivar a terra.

Continuando a falar das árvores dessa terra da América, mencionarei a existência de quatro ou cinco espécies de palmeiras das quais as mais comuns são as chamadas *geray* e *iri*.<sup>126</sup> Creio que nenhuma delas produz tâmaras. É verdade que a *iri* dá frutos redondos como azeitões pequenos e reunidos, como uvas, em cachos que um homem pode carregar facilmente; só o caroço presta, entretanto, e não é maior do que o da cereja. As folhas superiores de renôvo servem para comer e dizia o senhor Du Pont, que sofria de hemorróidas, que êsse palmito lhe era remédio; reporto-me aos médicos quanto a isso.

Outra árvore existe, de nome *airi*<sup>127</sup> a qual tem as folhas como as da palmeira, o caule cravejado de espinhos penetrantes como agulhas e dá uns frutos de tamanho médio que contêm um caroço não comestível e branco como neve. No meu entender, essa árvore é uma espécie de ébano, pois além de ser preta e servir aos selvagens para a fabricação de clavas e pontas de flechas, é muito polida e luzidia quando trabalhada e tão pesada que não flutua.

Existem na terra muitas espécies de madeira de côr, cujos nomes ignoro. Entre elas vi algumas tão amarelas quanto o buxo; outras naturalmente roxas das quais trouxe para a França algumas amostras; outras brancas como papel; outras tão vermelhas quanto o pau-brasil<sup>128</sup> e com elas os selvagens fabricam arcos e clavas. Há ainda uma árvore denominada *copay*<sup>129</sup> que tem a forma da noqueira embora não dê nozes; como observei, as tábuas dessa madeira, empregadas na marcenaria, apresentam os mesmos veios da noqueira. Algumas árvores têm as folhas mais espessas do que uma moeda; outras as têm de um pé e meio de largura, mas existem tantas variedades que seria fastidioso mencioná-las tôdas minuciosamente.

Não deixarei porém de dizer que se encontra nêsse país uma árvore que dá bonita madeira, e a qual rescende verdadeiro aroma de rosas frescas quando lavrada ou trabalhada pelos marceneiros. Os própri-



os cavacos e fitilhas assim cheiram. Outra, ao contrário, denominada *auói*<sup>130</sup> tem um cheiro de alho tão ativo que quando a cortam e põem no fogo ninguém pode ficar perto; suas folhas são muito parecidas com as das nossas macieiras e seus frutos muito semelhantes à castanha, mas o caroço é venenosíssimo. Todavia é com êsse fruto que os selvagens fazem os chocalhos a que já me referi e os adornos das pernas, razão pela qual o têm em grande estima. Cumpre observar que embora essa terra do Brasil produza grande quantidade de excelentes frutos, muitos, a pesar de belíssimos, são inaceitáveis ao paladar. Nas praias, principalmente, crescem arbustos que dão frutos semelhantes às nossas nêspersas, porém perigosos de comer. Os selvagens ao ver os franceses e outros estrangeiros se aproximarem dessas árvores para colhê-las, dizem-lhes: *ypahí*,<sup>131</sup> isto é, “não é bom”.

O *hiyuaré*<sup>132</sup> tem a casca espessa de meio dedo e é muito agradável ao paladar principalmente quando recém-colhido; os botânicos que vieram conosco afirmaram-me que se tratava de uma espécie de guaiaco. Os selvagens o empregam contra o pian<sup>133</sup> doença tão perigosa entre eles quanto entre nós a varíola.

A árvore a que os selvagens chamam *choyne*<sup>134</sup> é do tamanho médio; tem folhas verdes semelhantes às do loureiro; dá um fruto volumoso como uma cabeça de menino e com a forma de um ovo de avestruz; não é comestível. Como êsse fruto tem a casca dura, os tupinambás o conservam inteiro. Preferem-no ao comprido, com êle fazendo o instrumento chamado maracá, já mencionado. Cortados ao meio, servem para outros usos, na qualidade de cuias ou pequenas vasilhas.

Continuando a descrição das árvores do Brasil, mencionarei a *sabucaié*<sup>135</sup> que dá um fruto do tamanho de dois punhos juntos; formado à feição de uma taça, nêles se encerram pequenos caroços como amêndoas e quase com o mesmo gosto. A casca dêsse fruto, que julgo ser o coco da Índia, é utilizada para fazer vasos que, torneados e bem trabalhados, são encastoados de prata cá na Europa. Um certo Pedro Bourdon, excelente torneiro, fêz, quando estávamos no Brasil, lindos

vasos e outros utensílios tanto com os frutos da *sabucaié* como com madeiras de côr, tendo presenteado a Villegagnon com alguns dêles; Villegagnon muito os apreciava, mas nem por isso foi o pobre homem recompensado pois o verdugo o mandou afogar por causa do Evangelho<sup>136</sup> como o contarei oportunamente.

Existe também no país uma árvore tão alta como a sorveira da Europa; dá um fruto chamado *acaiú*<sup>137</sup> que tem a forma e o tamanho de um ovo de galinha. Quando madura, a fruta se torna mais amarela do que o marmelo e não só tem bom gosto mas ainda dá um caldo acidulado agradável ao paladar. No calor êsse refrêscos é excelente, mas as frutas são muito difíceis de colhêr por causa da altura das árvores e só as podíamos obter quando os macacos, ao comê-las, derrubavam grande quantidade.

A pacoére<sup>138</sup> é um arbusto que tem em geral de dez a doze pés de altura; o tronco, embora às vêzes da grossura de uma coxa de homem é tão mole que com uma espada bem afiada pode ser cortado de um só golpe. O fruto, a que os selvagens chamam *pacó*,<sup>139</sup> tem mais de meio pé de comprimento e se assemelha ao pepino, sendo como êste amarelo, quando maduro. Crescem de vinte a vinte e cinco unidos em um só cacho<sup>140</sup> e os nossos americanos colhem tantas pencas quantas podem carregar nas mãos para as suas casas. A fruta é boa; quando chega à maturidade tira-se-lhe a casca como o figo fresco e sendo gomosa como êste parece que se saboreia um figo. Por essa razão nós franceses dávamos às pacovas o nome de figo; é verdade que são mais doces e mais saborosos do que os melhores figos de Marselha. Deve portanto a pacova figurar entre as frutas melhores e mais lindas do Brasil... Conta a história que Catão<sup>141</sup> de volta de Cartago para Roma, trouxe figos de espantosa grandeza mas como os antigos não mencionam êsses a que me refiro, é provável que não fôssem tão grandes. Quanto à forma, as folhas da pacoveira se assemelham às do *lapathum aquaticum*,<sup>142</sup> são porém tão grandes que têm em geral seis pés de comprimento por mais de dois de largura e creio que nem na Europa, nem na Ásia, nem na África se encontram folhas maiores. A um boticário ouvi dizer ter visto uma folha de tussilagem, com auna e um quarto



de largura, ou três aunas e três quartos de circunferência porquanto a fôlha é redonda; ainda assim não se aproxima da pacoveira. É verdade que as fôlhas da pacoveira não são espessas na proporção do tamanho; ao contrário, são delgadas e sempre eretas, e quando o vento é um pouco mais violento, como acontece frequentemente na América, só o talo central oferece resistência; as partes laterais despedaçam-se por tal forma que, vistas de longe, parecem as fôlhas grandes penas de avestruz revestindo o arbusto.<sup>143</sup>

O arbusto do algodão cresce em muitas lugares do Brasil;<sup>144</sup> a flor é uma campânula amarela semelhante à flor das abóboras na Europa; quando o fruto está formado tem a configuração da nossa “*feinte des coteaux*”<sup>145</sup> e quando maduro fende-se em quatro partes, saindo o algodão (*ameni-ju*)<sup>146</sup> em flocos ou capulhos no meio dos quais se abrigam caroços pretos muito unidos em forma de rim, da grossura e comprimento de uma fava. As mulheres selvagens preparam e fiam o algodão para fazer as rêdes já descritas.

Embora antigamente não existissem laranjeiras nem limoeiros nessa terra da América, como ouvi dizer, depois que os portugueses as plantaram<sup>147</sup> perto da costa, essas plantas se multiplicaram de modo admirável e produzem laranjas, a que os selvagens chamam *morgonia*,<sup>148</sup> do tamanho de dois punhos e limões ainda maiores, em grande abundância.<sup>148</sup>

A cana de açúcar cresce muito bem e em grande quantidade nesse país. Entretanto nós franceses não tínhamos nem a gente nem as coisas necessárias para dela extrair o açúcar, como fazem os portugueses em suas possessões. Por isso, como ficou dito, no capítulo IX, acêrca das bebidas dos selvagens, só a usávamos em infusão para fazer água açucarada ou lhe chupávamos simplesmente o caldo. A propósito observei uma coisa de que talvez muitos se admirem. Não obstante ser o açúcar de natureza extremamente doce, como todos sabem, quando deixávamos deteriorar-se a cana cortada e a púnhamos de mólho na água por algum tempo, o caldo azedava-se a ponto de nos servir de vinagre. Em certos lugares crescem canaranas e taquaras grossas como a perna de um homem, mas tal

como a pacoveira têm o tronco tão mole que podem ser decepadas com um só golpe de espada. Depois de sêcas tornam-se rijas e os selvagens as lascam em pedaços, da forma de línguas de serpentes, e armas as pontas de suas flechas. Chalcondyle,<sup>150</sup> na sua História da Guerra dos Turcos, refere que, na Índia Oriental existem plantas dessa espécie, mas tão grandes e grossas que delas fazem, para atravessarem os rios, barcos com capacidade para carregar cêrca de quarenta moios de trigo de seis alqueires segundo a medida dos gregos.

O mastique é tirado de pequenos arbustos indígenas, os quais juntamente com uma infinidade de outras ervas e flôres odoríferas espalham pela terra suaves aromas.

Na zona em que nos encontrávamos, debaixo do Capricórnio, apesar das trovoadas, a que os selvagens chamam tupan,<sup>151</sup> das chuvas torrenciais e das fortes ventanias, não gela nem neva, nem graniza, e as árvores, não sendo deterioradas pelo frio como na Europa, se conservam sempre verdes, e assim as florestas, tal como em França o loureiro. E já que toco neste assunto direi que quando, no mesmo dezembro, temos aqui os dias mais curtos e soprados os dedos transidos de frio, os americanos vivem os dias mais longos e mais quentes. Por isso nos banhávamos ao Natal para refrescar-nos. Entretanto os dias não são nos trópicos nem tão longos nem tão curtos como no nosso clima, conforme o podem compreender os entendidos na esfera. E assim não só os dias são mais iguais debaixo dos trópicos mas ainda as estações incomparavelmente mais temperadas, embora os antigos pensassem o contrário.

Eis o que tinha a dizer acêrca das árvores do Brasil. Quanto às plantas e ervas que agora quero mencionar, começarei por aquelas cujos frutos e efeitos me parecem mais úteis. Em primeiro lugar vou assinalar a planta que produz o fruto chamado *ananá*.<sup>152</sup> Assemelha-se à *espadana*,<sup>153</sup> tendo as fôlhas um pouco côncavas, estriadas nos bordos e muito parecidas com as do aloés. Cresce em touceiras,



como grandes cordas, e o fruto, do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, sai da planta como as alcachôfras, sem pender para os lados. Ao amadurecer torna-se amarelo azulado e rescende tão ativa. mente a frambroesa que de longe o sentíamos nas matas onde cresce; é muito doce e o reputo o fruto mais saboroso da América. Quando ai estive, espremi um ananás que deu cêrca de um copo de suco e êste me pareceu saudável. As mulheres selvagens nos traziam grandes cêstos (*panacú*)<sup>154</sup> cheios de ananases, pacovas e outras frutas e os trocavam por um simples alfinête ou um espelho.



A respeito das ervas medicinais encontráveis no Brasil, uma existe a que os nossos tupinambás chamam *petyn*.<sup>155</sup> Tem a forma da azedeira, embora seja um pouco maior, e fôlhas muito parecidas com as da *consólida* maior.

Em vista das virtudes que lhes são atribuídas goza essa erva de grande estima entre os selvagens; colhem-na e a preparam em pequenas porções que secam em casa. Tomam depois quatro ou cinco fôlhas que enrolam em uma palma como se fôsse um cartucho de especiaria; chegam ao fogo a ponta mais fina, acendem e põem a outra na bôca para tirar a fumaça que a pesar de sôlta de novo pelas ventas e pela bôca os sustenta a ponto de passarem três ou quatro dias sem se alimentar,<sup>156</sup> principalmente na guerra ou quando a necessidade os obriga à abstinência. Mas os selvagens também usam o *petyn* para destilar os humores supérfluos do cérebro, razão pela qual nunca se encontram sem o respectivo cartucho pendurado no pescoço. Enquanto conversam costumam sorver a fumaça, soltando-a pelas ventas e lábios como já-disse, o que lembra um turíbulo. O cheiro não é desagradável. Não vi porém mulheres usá-la e não sei qual seja a razão disso mas direi que experimentei a fumaça do *petyn* e verifiquei que ela sacia e mitiga a fome.

Atualmente na Europa chamam *petun* à nicotina, ou erva da Rainha. É esta porém bem diferente<sup>157</sup> daquela de que falo, tanto na forma como na essência. Afirma o autor da *Maison Roustique*<sup>158</sup> (Liv. 2, cap. 79) que a nicotina, cujo nome diz provir do senhor Nicot, que primeiro a remeteu de Portugal para a França, é oriunda da Flórida, distante mais de mil léguas do Brasil, com tôda a zona tórrida de per-meio entre ambos. Entretanto, por mais que investigasse não consegui descobrir o *petyn* em nenhum jardim de França. Não pense aquêle que nos presenteou com o seu angoumoise,<sup>159</sup> dizendo ser o verdadeiro *petyn*, que ignoro o que êle escreveu. Se o original da planta por êle mencionada se assemelha ao desenho anexo à sua *Cosmografia* direi dêsse *petyn* o mesmo que afirmei da *nicotiana*. Nego ainda que êle tenha sido o primeiro portador da semente do *petyn* em França onde, julgo eu, dificilmente poderia vingar, por causa do frio.



Também vi, além mar, uma espécie de couve a que os índios chamam cajuá <sup>160</sup> e que serve às vêzes para sopa; tem fôlhas largas, semelhantes às do nenúfar das nossas lagoas.

Além da mandioca e do aipim, com que as mulheres selvagens fabricam a farinha, como já disse no capítulo IX, existem outras raízes bulbosas chamadas *hetich* <sup>161</sup> e que crescem tão facilmente no Brasil como os nabos na Sabóia e no Limousin; e não é raro se encontrarem do tamanho de dois punhos juntos e com pé e meio mais ou menos de comprimento. Fora da terra parecem à primeira vista tôdas da mesma espécie; existe porém grande diferença entre elas, pois, cozidas, arroxiam umas, amarelecem outras como os marmelos e outras ainda se tornam esbranquiçadas; donde a meu ver existem três espécies. Como quer que seja, posos assegurar que, assadas no borralho não são menos saborosas do que as nossas melhores peras, principahnente as que amarelecem. As fôlhas alastram pelo chão com a hedera terrestre e se parecem muito com as do pepino ou do espinafre, embora não sejam tão verdes; sua côr puxa mais para a da vitis alba. Como são plantas que não dão sementes, as mulheres selvagens, no empenho de propagá-las cortam-nas em pequenos pedaços como fazemos com a cenoura para fazer salada, e os semeiam, obtendo assim no fim de algum tempo (coisa maravilhosa na agricultura) tantas raízes quantos pedaços se plantarem. Constitui a *hetich* o melhor maná dessa terra do Brasil. Não se vê outra coisa por tôda aparte e creio, por isso mesmo, que na maior parte nasce sem intervenção do homem.

Os selvagens também possuem frutos chamados manobi.<sup>162</sup> Crescem dentro da terra como as trufas, ligando-se entre si por meio de filamentos delgados. A vagem tem caroço do tamanho de uma avelã cujo sabor imita; é de côr parda e a casca tem a dureza da ervilha. Embora tenha comido muitas vêzes êsse fruto não posso dizer, por não ter observado e nem me recordar, se a planta tem fôlhas e pevides.

Também existe em abundância o pimentão de que os nossos negociantes só se servem para a tinturaria. Os selvagens entretanto o

pilam com sal, que sabem fabricar retendo a água do mar em valos. A essa mistura chamam ionquet <sup>163</sup> e a empregam como empregamos o sal; entretanto não salgam os alimentos, carne, peixe etc., antes de pô-los na bôca. Tomam primeiro o bocado e engolem em seguida uma pitada de ionquet para dar sabor à comida.

Cresce ainda nesse país uma espécie de favas de uma polegada de comprimento a que os selvagens denominam comandá-uassú.<sup>164</sup> Também certas abóboras redondas denominadas morugans <sup>165</sup> são doces ao paladar.

Eis tudo o que pude observar acêrca das árvores, plantas e frutas do Brasil durante um ano quase de estada. Não existem na América quadrúpedes, aves, peixes ou outros animais completamente idênticos aos da Europa; não vi tampouco árvores, ervas ou frutas que não divergissem das nossas, à exceção da beldroega, do manjerição e do feto que vive em vários lugares, como pude observar nas excursões que fiz pelas matas e campos do país. Por isso, quando a imagem dêsse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta a meus olhos, quando revejo assim a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil, logo me acode a exclamação do profeta no salmo 104: <sup>166</sup>

Ó seigneur Dieu, que tes oeuvres divers  
Sont merveilleux par le monde univers:  
Ó que tu as tout fait par grande sagesse!  
Bref, la terre eat pleine de ta largesse,<sup>167</sup>

Felizes seriam os povos dessa terra se conhecessem o Criador de tôdas essas coisas. Como porém isso não acontece, vou tratar das matérias que nos provarão quão longe estão êles ainda disso.



## NOTAS

- 01 Não é mais verdade, após a aclimação dos animais domésticos europeus. Ver Roulin, *Causeries sur l'histoire naturelle*, p. 41-79. Segundo Montaigne, I, XXX: 160 primeiro cavalo que viram... lhes causou tal horror que o mataram a frechadas”.
- 02 Sóo, apenas por força de Idéias de extensão pode referir-se a animais silvestres. Como verbo significa: dar de comer, dar sustento, alimentar; como substantivo: carne, polpa e, de modo geral. animais que dão carne para alimentação. caça, etc. Essa palavra, conforme demonstrou Oiticica (Boletim do Museu Nacional, Vol. IX, n.o 1, 64) nada tem a ver com ζ ω O que, com o sentido de “ser vivo, animal”, é post-homérico e só apareceu em grego, segundo Curtius, no tempo de Platão. Todavia provém do verbo ζ α ω por ζ j α ω e filia-se à raiz “gi” viver” (P. A.).
- 03 *Description et histoire du tapir, em Roulin*, p. 261-262. Gandavo (P. 108): “Também há uns animais na terra a que chamam antes, que são de feição de mulas, mas não tão grandes e têm o focinho mais delgado e um beijo comprido à maneira de tromba. As orelhas são redondas e o rabo muito comprido; e são cinzentas pelo corpo e brancas pela barriga. A carne dêesses animais tem o sabor como o da vaca, da qual parece que se não diferença coisa alguma”. Thévet (*Cosmog.* p. 937) \*\*\* Tapiir-usú, anta (*Tapirus*) grande. Por essa palavra, *tapiirusú*, seguida de algum qualificativo, foram designados o boi, a vaca, etc. (P.A.).
- 04 Thévet, *Singularités*, etc. § 38.
- 05 Trad. latina de Bry, prancha p. 935. \*\*\* - Léry escreve *boucan, boucaner*, o que prova como era corrente a permuta dos labiais b e m. *Boucan* provém de *mo + kaê*, fazer sêco, ressecar, tornar enxuto. Dêsse verbo tiramos. em português: *moquém, moquear, moqueador, moqueação*, etc. como também *bucaneiro*, por Intermédio do têrmo vernacularizado pelos franceses. Na língua francesa existem hoje os vocábulos *boucan, boucanage, boucanerie, boucané, boucaner, boucanière*, provenientes do tupi *mokaê*, tais como os vocábulos ingleses: *bucaneer, bucaneeing, buscaneers* ou *bucaniers*. Esta descrição do *moquém*, que Léry nos dá, é das mais perfeitas e completas (P.A.).
- 06 *Pirá-parati*, peixe *parati*, chamado *parati*. A propósito desta denominação é altamente instrutiva a leitura do excelente, belo e exaustivo estudo de Artur Neiva. in Estudos da Língua Nacional, São Paulo, 1940 (P.A.).
- 07 Idem. - Thévet, *Cosmographie*, prancha p. 926.
- 08 No tupi da costa o designativo genérico dos veados era realmente *suassú* ou *suasú*, na ortografia da língua. No nheengatú amazônico atual, diz-se ainda *suasú* ou *sooasú*. Cf. Stradelli, Vocabulário Nheengatú, in Rev. Inst. Histórico Brasileiro, vol. 104. No guarani antigo usava-se da expressão *soasú* e hoje, no Paraguai emprega-se *guasú*. Martius (*Nomina animalium in lingua tupi*, in Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen, Leipzig, 1867) diz: “*Suasú*, rectius *suusú*, *susú* - cervus, a verbo *suú*, mordere, *suúsú* (repetido mordere) rodere. Guaranice scribitur *Guazú* et tupice plerumque *çuaçú*”. Cita depois onze variedades de cervos, todos designados pelo nome geral - *suasú* - seguidos dos qualificativos especiais (P. A.).
- 09 *Taiássú, taiású, tajasú*, designativo genérico do porco, do porco montês ou do mato. Essa expressão provém provavelmente de *tãi-asú*, dente ou dentes grandes (P. A.).
- 10 *Capivaras*. Gandavo (p. 67) - Thévet, *Cosmog.* p. 935.
- 11 Gomara. Hist. Gen. de las Indias, § CCV, p. 262.
- 12 Gabriel Soares (op. cit. pág. 249) diz: Criam-se no mato da Bahía porcos monteses, a que os índios chamam *tajaçú*, que são de côr parda e pequenos; tudo tem semelhante com o porco, senão o rabo, que não tem mais comprido que uma polegada, e tem umbigo nas costas; as fêmeas parem muitos no mato, por onde andam em bandos, comendo as frutas dêle”, etc. (P.A.).
- 13 *Agutí* ou *akutí* é o roedor (Dasyprocta) a que chamamos vulgarmente cutia. Gabriel Soares (op. cit. 253) dedica um capítulo de sua obra às pacas e cutias. Vários outros cronistas referem-se também a êsse animal (P.A.).
- 14 Trata-se do *tapetí*, coelho silvestre. Batista Caetano (Vocabuário in Anais Biblioteca Nacional, t. VII) anota *tapiiti*, coelho. Marcgrav grafa *tapetí* mas Gabriel Soares (op. cit.) fala em *tapotim*, menores que os coelhos da Espanha, “com todas as feições de coelhos. senão o rabo, porque o não tem, os quais se criam em covas, e as fêmeas parem muitos; cuja carne é como a de coelhos, e muito saborosa” (P. A.).
- 15 Thévet, *Singularités*, etc. I 67.
- 16 É o que chamamos paca. Vide Gabriel Soares (op. cit.253). *Páka* pode ser gerúndio do verbo *pág*, e adjetivo com o sentido de esperto, vivo, alertado etc. Talvez daí o nome do animal (P.A.).
- 17 Gandavo (p. 73) denomina-os *cerigoés*. Descreve minuciosamente características esquecidas por Léry. que os classificou entre os marsupiais. \*\*\* Trata-se com efeito do *gambá* (T.) \*\*\* Gandavo grafa *cerigoé*; Simão



- deVasconcelos (op. cit. Livro 2º. Not 101) *çarigué* e Gabriel Soares (op. cit. 248), que a descreve cuidadosamente, dá *serigoé*. No Rio da Prata chamam a esta espécie de *Didelphis*, Lin., ou gambá, de *micuré*. A etimologia desses nomes revela a sua identidade em relação à bolsa em que criam os filhos; gambá, de *guá-mbá*, diz: ventre aberto, barriga ôca, e *sarigué* de *soór-igué* (apud. Sampaio, op. cit. 3ª. Ed., 89), animal de saco. Ocorrem ainda as seguintes variantes do nome: *sarué*, *sarigueia* e *sorighê*. Hans Staden (op. cit. 72) dá Serwoy (P. A.).
- 18 Hans Staden (p. 308): “O tatu tem mais ou menos 6 polegadas de altura por nove de comprimento. Cobre-lhe o corpo todo, exceto o ventre, uma espécie de armadura. Esta consiste em chapas de osso dispostas umas por cima das outras. O animal tem o focinho muito comprido, alimenta-se de formigas”. Ver também *Description et histoire des tatous*, em Roulin, *Souvenirs*, etc., p. 217-224. - Gandavo, p. 69. \*\*\* Gabriel Soares (op. cit. 251) dedica um capítulo inteiro aos *tatús*, citando as diferentes variedades com os nomes indígenas. Êsse designativo diz: casca dura, carapaça encorpada ou densa (P. A.).
- 19 Léry grafa caramemô e, como tal, encontramos em alguns vocabulários do tupi costeiro. Mais corrente, porém, é karamemoã, cêsto, baú, caixa arqueada etc. No guarani é de mais uso a variante karamenguá (P. A.).
- 20 Vide Gabriel Soares (op. cit. 265).
- 21 Plínio H. N. Livro V, § 196.
- 22 Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, § 196, p. 255): “... aunque alli cerca los han muerto de mas de cien pies en largo”...
- 23 *Tuu*, *teiú*, *teiú* ou *teijú*. Martius (op. cit. 481) diz “*Teiú*, *tiú*, Piso II, 283, In genere Lacerta, praecipue Teius Aineiva Merr”. e cita as várias espécies conhecidas. Batista Caetano (vocabulário cit.), dá certa etimologia, não muito razoável, fazendo menção das seguintes denominações compostas: *tejú-guasú*, *tejú-tará*, *tejú-guasú-tará*, (camaleão), *teiú-oby* (verde ou azulado), *tejú-tinga* (branco) *tejú-pytá* ou *piranga* (vermelho), *tejú-kuatiá* (pintado) e *tejú-pará*. Vide Gabriel Soares (op. cit. 265) onde se encontram referências a outros lagartos. Léry grafa *Touous* e *Toúous* (P.A.).
- 24 Talvez a *sucuri*, que ainda se encontra nas florestas do Brasil. ver Biard, *Voyage au Brasil*, *Tour du monde*, nº. 81, prancha 40. Segundo Gandavo, p. 77, “e os há tão grandes que engolem um veado inteiro ou qualquer outro animal do mesmo tamanho”.
- 25 Léry escreve *lan-ou-are*. *Jaguará*, *jogoára*, *iaguára*, *iauára* *yaguára* etc., são algumas das variantes fonéticas e ortográficas do nome da onça, do cão ou do tigre. Segundo Martius (op. cit.) “in genere est canis, felis major, tigris. In lingua kechua *yahuar* signlficat sanguinem” (P.A.).
- 26 Ver armadilhas para pegar onças na *Description du Paraguay en 1877* de Forgues, *Tour du Monde*, nº 703, prancha p. 412.
- 27 Na tradução latina de Bry (p. 182-183) foi interpolada uma apreciação acêrca dos cães na América.
- 28 Hans Staden (p. 308). Cf. Yves d'Evreux - *Voyage au Nord du Brésil*, p. 199-201. - Thévet, *Singularités* etc. § 54. \*\*\* *Kaí*, como adjetivo do tupi-guarani significa envergonhado, medroso, encolhido, etc. Daí naturalmente o seu emprêgo para nomear êste macaquinho (P. A.).
- 29 Gandavo, p. 77: “Chama-se sagüis. Há uns louros e outros pardos; os louros têm o cabelo muito fino, e na semelhança do vulto e feição do corpo quase se querem parecer com leão. \*\*\* Sôbre o *sagüim* diz Gabriel Soares (op. cit. 254): “*Sagüins* são bugios pequeninos muito felpudos e de cabelo macio, ralados de pardo, prêto e branco; tem o rabo comprido e muita fêlpa no pescoço, a qual trazem sempre arrepiada, o que os faz muito formosos; e criam-se em casa, se os tomam novos, onde se fazem muito domésticos. Do Rio de Janeiro vêm outros sagüins da feição dêstes de cima, que têm o pêlo amarelo muito macio. que cheiram muito bem; os quais são muito mimosos e morrem em casa, de qualquer frio e das aranhas da casa; que são mais peçonhentas que as das árvores, onde andam sempre saltando de ramo em ramo” (P. A.).
- 30 Cf. Marot, et. Jannet, 1862, T. I, p. 242, epístola IV.
- 31 Embora Sagon seja um nome é o nome de um macaquinho (T.).
- 32 Sem dúvida a *preguiça*, de Gandavo, p. 74: “...e assim se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados não vencerá distância de um tiro de pedra. O seu mantimento é folhas de árvores e em cima delas anda o mais do tempo, aonde há pelo menos mister dois dias para subir e dois para descer”. São exageros que a ciência moderna retificou. Cf. observações de Ruoy e Gaymard no “*Voyage au tour du Monde*”, de Frekcinet. - Ver também a curiosa descrição de Thévet (Cosmog. p. 940 e prancha p. 941). \*\*\* Os cronistas grafam êsse nome de várias maneiras: ahy, ahí, hay, aih, ayg. Todos, porém, dão-no como designativo da preguiça (Bradyus, Lin.). Deve ser de origem onomatopaíca, pois aí é uma interjeição semelhante ao do grito da preguiça, e corresponde ao nosso ai, interjeição de dor. Gabriel Soares (op. cit p. 257) dá minuciosas informações sôbre a “ahy” ou preguiça. Simão de Vasconcelos (op. cit.



- Livro 2º, n.º 100) descreve a aig. Thévet grafa haüt (P.A.).
- 33 *Tamanduás*. Ver Gandavo, p. 75. - Roulín (*Souvenirs de voyage*) p. 237 - 251. \*\*\* Confusão nestas notas de Gaffarel, pois Léry se refere ao mesmo animal (T.).
- 34 *Coati, coatim, coaty, cuatí, quatí, akuatí* etc., são variantes do nome que ocorre em Gabriel Soares (op. cit. cap. 98); Marcgrav (I, 228) Piso (II, 38), etc. É a *Nasua socialis* Neuw. Stradelli (Voc. *Nheengatú*, 420) dá alguns Informes curiosos sobre o *coati*. Em notas à obra de Claude d'Abbeville, in Rev. Inst. Hist., vnl. 94. Rodolfo Garcia sugere a etimologia *aquá + tí*, nariz de ponto ou nariz pontudo (P. A.).
- 35 Também aqui regista-se certa confusão, porquanto o *coati* não se alimenta de formigas. É ao tamanduá sem dúvida que se refere Léry (T.).
- 36 *Urá* é corruptela de *uyrá* ou *guyrá*, indicativo genérico de pássaros. Dentre as numerosas alterações sofridas por essa palavra, principalmente na vernaculização de zoónimos, notam-se *oyrá, oirá, uirá, virá, vyrá, hurá, huyrá, oerá, birá, ará, ourá, guará, gará, grá* etc. Vide: "Nomes de Aves em Língua Tupi", de Rodolfo Garcia, in *Boletim do Museu Nacional*, vol. V. n.º 3. setembro de 1929 (P. A.).
- 37 Os antigos vocabulários. quase sem exceção, registram *Sapukái* ou *guyrásapukái* como designativo da galinha. Parece-nos difícil a etimologia de *arinham* ou *arinã*. Se admitirmos que ela representa mais ou menos a pronúncia do índio, será *uyrá + nã*, ave que corre ou também *guyrá + nã*, como se vê em Sampaio (op. cit. 214). Não nos sendo dado restaurar a expressão, nada podemos afirmar a seu respeito. É curioso notar que ela aparece com a mesma grafia e sentido em Thévet (P. A.).
- 38 Cf. Thévet, *Singularités*, § 44. \*\*\* *Ropiá*, de *hopiá* (*çopiá* nos vocabulários do tupi da costa) significa, de fato, ôvo, ovas. No guarani dizia-se *hupiá, rupiá* etc. (P.A.).
- 39 Moeda antiga (T.).
- 40 Moeda divisionária antiga (T.).
- 41 *Ypéc* ou *ypéka*, de *ypég*, significa o nadador. e designa não só o pato, mas outras aves nadadoras. Essa palavra aparece em todos os vocabulários tupis (P. A.).
- 42 Essa opinião é muito comum. Os Caraíbas se recusam a comer corvos e tartarugas de medo de ficarem com olhos tão pequenas quanto os desses animais (Muller, *Geschichte der Americanischen urreligionen*, p. 221). Os Dacotá comem fígado de cão a fim de adquirirem a sagacidade e a coragem desse animal (Schorlcraft, *Indian tribes*, II. p. 80). Os nativos da Nova Zelândia obrigam seus filhos a engolirem pedras para que fiquem com o coração duro (Yate, *New Zeland*, p. 82). Os esquimós acreditam que as qualidades físicas dos europeus se transmitem às suas vestes e eles recolhem os sapatos velhos dos marujos noruegueses e dinamarqueses para que suas próprias mulheres os usem (Egede, *Greenland*, p. 198). Talvez não tenha outra origem o canibalismo (Lubbock, *Les origines de la civilisation*, p. 18).- Ver Brett (*Indians tribes of Guiana*, p. 355): "Entre os Acawolo e os Caraíbas os homens, quando esperam o parto de suas mulheres. abstém-se de certas carnes, a fim de que a criança não sofra, misteriosamente, seus feitos. Assim é que recusam a cutia para que a criança não seja magra; a "haimara" para que não seja cega, pois os olhos desse peixe cobrem-se de uma espécie de catarata; o "lobba", de medo que a bôca da criança se alongue como os beiços desse bicho e se recubra de manchas que se transformam em úlceras, etc. \*\*\* Ver em Von den Steinen e outros etnógrafos as diversas interpretações da couvade ou chôco, a que se refere aqui o autor citado (T.).
- 43 *lacutim, jakutin* ou *jacutinga* (*Cumana jacutinga*, Spix. Família Cracidae) também chamada *jacupará*. O nome se compõe de *jakú + ting, jacu branco*, alvo (P. A.).
- 44 *lacupéin, jacupém* ou *jacupéma* (Penélope superciliaris, Temm. Família Cracidae) e também conhecida por *jacupemba*. O nome pode provir de *jakú + pem* por *jacú + peb, jacú chato* (apud Rodolfo Garcia, "Nomes de aves", cit.) ou de *jakú + pen, jacu vergado*, encurvado etc. (P. A.).
- 45 *lacú-uassú, jacú-assú* ou *jacú-guaçú* (*Penélope obscura* III. Família Cracidae) é o *jacu grande*, como o nome Indica (P. A.).
- 46 Provavelmente *Mutum*, de que há no Brasil inúmeras variedades cujos nomes são empregados, pelo povo, confusamente: *mutum-cavalo, mutum-do-cú-branco, mutum-etè, mutum-pinima, mutum-poránga, mutum-vulgar*, etc., todos da Família Cracidae (apud Rodolfo Garcia in "Nomes de aves", cit. 36-37). O nome parece significar escuro, preto. etc. Segovia (Dicionário de argentinismos, Buenos Aires. 1912) sugere *mi + tum*, pele ou plumagem escura (P.A.).
- 47 *lacú*, ou *jakú*, é designativo genérico das aves da Família Cracidae especialmente das do gênero Penélope. Etimologia: "i, demonstrativo (que, aquele que), a, fruto, grão, e ku, comer, tragar, engulir: o que come grão". (Apud Rodolfo Garcia, "Nomes de aves", cit.). Vide Batista Caetano, Vocabulário, cit. 565 (P. A.).



- 48 *Macocouá* deve ser adulteração de *macucaguá* (Cf. Beaurepaire Rohan. Dicionário de Vocábulos Brasileiros, Rio, 1889) de onde teria vindo o designativo vulgar *macuco* ou *macuca*, nome de diversas aves da Família Tinamidae (P. A.).
- 49 *Macuco-guassú* - Ver Gandavo (p. 82). \*\*\* *Inambú-guassú* ou *guaçú* *Crypturus obsolctus*, Temm. Família Tinamidae (apud Garcia, in “*Nomes de aves*”, cit. 27). É o *inambú* grande. Também se diz vulgarmente *Inhambú* (P. A.).
- 50 Por certo é a mesma *inambú*, também chamada codorniz. ou *inambú* pequena (P. A.).
- 51 Sem dúvida deve ser o *Picassú* ou *Pikasú* (*Columba plumbea*, Vieill. Família Columbidae), também chamada *Pomba-legítima* e *Pomba-preta*. Ocorre em Gabriel Soares (op. cit. 228). Dão-lhe o nome, também, de *Pucaçú*. (Apud Rodolfo Garcia, op. cit. 38) Vide Gabrlel Soares (op. cit., 228) (P. A.).
- 52 *Paiaacacú*, como escreve Léry, ou *paicaçú*, *pecaçú*, *pecacú* ou *pekasy*, como poderíamos supor em tupi, é o nome de difícil restauração. Apesar de encontrarmos diversos designativos de aves, foneticamente aconselháveis a êsse, pensamos que seria arriscado qualquer afirmação do ponto de vista ornitológico. Vide o anterior (P. A.).
- 53 *Ará*, provavelmente *arára*, é nome comum a várias aves da Família *Psittacidae*, dos gêneros *Ará* e *Anodorrhynchus*. Foi Américo Vespuccio, diz Rodolfo Garcia, quem em uma das cartas a Soderini, primeiro o assinou (P. A.).
- 54 Cf. Gandavo (Santa Cruz, p. 85); Thévet (*Cosmog.* p. 939) denomina-o *canindé*. “Do ventre ao papo tem as penas mais finamente douradas que eu conheço. As asas e a cauda são azuladas e o resto da plumagem diferente dessas côres”. Id. *Singularités*, § 18 \*\*\* No texto está *Canidé*, mas deve ser *canindé* (*Ara ararauna*, Linn. Família *Psittacidae*). Gabriel Soares (op. cit., 225) descreve o pássaro *canindé*. Azara (Apuntamientos para la Historia Natural de los pájaros de Paraguay Y Rio de la Plata, 3 vols., Madrid, 1803) descreve-a à página 400, do II vol. (P. A.).
- 55 Deve ser *iúb*, *júba*. *Canindé-júba* dirá: *canindé* amarelo. Êsse estribilho talvez possa ser assim entendido: *canindé amarelo*, *canindé amarelo*, *tal qual o mel* (*canindé júb*, *canindé jub*, *eyra oaé*). Nada podemos afirmar, está claro, em face da maneira por que se acha grafada a última palavra (P. A.).
- 56 Na edição latina da obra de Léry, comentada por Batista Caetano, vem *júb*, corretamente (P. A.).
- 57 Não Indica Léry o modo de pegar esses belos pássaros sem estragá-los. Di-lo Belon (*Histoire de la nature des oiseaux*, liv. VI, § XII, p. 297): “Os selvagens do Brasil, muito hábeis no manejo do arco, têm flechas compridas em cuja ponta colocam um chumaço de algodão. Assim os papagaios atingidos caem apenas estonteados, sarando logo depois”. Cf. Yves d’Evreux, *Voyage au Nord du Brésil*, p. 204.
- 58 Êsse Indivíduo talvez seja Thévet, conservador dos museus do rei, e que procurava com efeito melhorar as coleções. Ver prefácio de *Singularités*.
- 59 *Ajurú*, de *a* + *jurú*, bóca da gente, alusão talvez ao modo de “falar” do papagaio como gente. Segundo Rodolfo Garcia (op. cit. 10) o *ajurú* (*Amazona aestiva*, Linn.) pertence à família *Psittacidae*, cujo nome se estende às espécies afins (P. A.).
- 60 Augé significa: basta! ora basta já! (P.A.).
- 61 Plínio H. N. liv. X, § XLIII
- 62 Na edição Gaffarel está *cherimbaré*; em outras *cherimbaré*, mas deve ser *che remimbáb*. *Mimbáb*, como substantivo, significa: animal caseiro, cria, criação, etc. A frase *che remimbáb* dirá: minha criação, meu animal doméstico, animal que eu estimo (P. A.).
- 63 *Mokáb*, ou *mbokáb*, foi o nome dado ao arcabuz, à arma de fogo dos colonizadores; *moká-asú*, portanto: arcabuz grande, peça de artilharia, canhão (P. A.).
- 64 Os brasileiros os apreciavam muito. Gandavo (Santa Cruz, p. 85) conta que os preferiam a dois ou três escravos. Thévet (*Cosmog.* p. 939): “Os nativos os apreciavam muito e com dificuldade e somente mediante boa compensação permitem que os tenham os estranhos”.
- 65 Marcanós, diz Gandavo (p. 87). \*\*\* Léry, por certo, se refere ao *Maracanã* (*Ara maracana*, Vieill. Fam. *Psittacidae*). Sampaio (op. cit., 261) sugere a seguinte etimologia dêsse nome: *maraká* + *nã* semelhante ao *maraká*, que imita o *maraká*, barulhento, etc. (P. A.).
- 66 Tuins segundo Gandavo (p. 87): “pouco maiores que os pardais... aos quais vestiu a natureza de uma pena verde muito fina sem nenhuma outra mistura, e têm o bico e as pernas brancas e um rabo muito comprido. E também falam etc.”.\*\*\* Na edição Gaffarel aparece grafado - *Toüs*, o que faz crer que seja tu ou *toy* o nome do pássaro. Pensamos entretanto, tratar-se de *toüs*, ou *toís* na transcrição portuguesa. *Toi* ou *tuí*, de fato, é designativo genérico dos *Psittacidae* pequenos. No Paraguaí, segundo Rodolfo Garcia (op. cit., 50), refere-se especialmente ao *Myiopsittacus monacus*, de *Boddaert*, e, no Brasil abrange todo o gênero *Brotogeris* (P. A.).



- 67 Alusão a um trecho de Thévet (*Cosmog.*, p. 939): “Êsses papagaios fazem seus ninhos no cimo das mais altas árvores, a fim de que as cobras e outros bichos não lhes prejudiquem a geração”.
- 68 Cf. Thévet. *Cosmog.*, prancha 938 - *Singularités*, § XLVII
- 69 Embora algumas edições de Léry *toucou*, que poderia nos levar a sugerir outros nomes de pássaros, queremos crer que Léry escreveu *toucan*, isto é, *tucano*, como se vê na palavra composta que anota logo abaixo: *toucanta bouracé*. *Tucano* é nome comum a várias aves da Família *Rhamphastidae*, e se compõem, segundo Batista Caetano, de *tí + kd*, bico ósseo (P. A.).
- 70 Provavelmente *tukã-borasé*, como se diria no tupi da costa, isto é, dança do tucano (P.A.).
- 71 Belon (*Hist. de la nature des oiseaux*, liv. III, § XXVIII, p. 184). “Ora há nesse país um pássaro de bico longo meio pé, grosso como um braço de criança, aguçado e prêto na ponta, mas branco no restante. É oco e tão fino que parece pergaminho e, portanto, muito leve”.
- 72 Será o *guyrá-pirá* (*Fregata aquila*) ou *Ará + pirá*, nome comum a duas aves da Família *Psittacidae*? (P. A.).
- 73 Thévet (*cosmog.*, P. 939): “Não deixarei de mencionar um passarinho que penso ser o menor existente no mundo, apenas do tamanho de um escaravelho, mas maravilhosamente lindo na sua pequenez. Tem o bico fino e comprido e canta tão suavemente que hesito em compará-lo ao próprio rouxinol, parecendo incrível que tão gostoso som saia de corpo tão miúdo”. \*\*\* As variantes deste nome são numerosas: *guanumbí*, *gainumbí*, *gainambí*, *mainumbí*, *goanambí*, etc. É nome comum às aves da família *Trochilidae* ou dos *Beija-flôres*. A etimologia é incerta. Quase todos os cronistas referem-se a esta “obra-prima de pequenez”, como diz Léry. Vide Rodolfo Garcia (op. cit., 23) e Olivério Pinto (Catálogo das Aves do Brasil, in Revista do Museu Paulista, tomo XXII). Gonçalves Dias (Poesias, II, in Notas finais) registra ainda *Cuaracyába*, raio do sol, cabelo do sol, como nome desta ave (P. A.).
- 74 Thévet (*Cosmog.*, p. 927 e 939): “Acreditam que o canto triste deve pássaro seja uma comunicação de seus parentes para lhes trazerem boa sorte e desgraça aos inimigos”. Yves d’Evreux, “*Voyage dans le nord du Brésil*”, p. 281: “Há também pássaros noturnos que não cantam, mas se lamentam num grito desagradável de ouvir-se. Não saem das selvas e são chamados pelos índios *Oyra giropany*, pássaros do diabo, etc.”. “Essa fé nos pássaros proféticos é comum também aos guaicurús. Mas em sua maioria os indígenas crêem apenas que tais pássaros anunciam a chegada de um hóspede. São denominados *cauan*”. (Cf. Accioli, *Corografia paraense*).
- 75 Vide nota 41 (P. A.).
- 76 Hans Staden (p. 313) -. “Enquanto eu me encontrava entre os selvagens, êsses morcegos me morderam muitas vêzes o artelho, o qual, no dia seguinte, achava todo ensangüentado. Mas é em geral na fronte que mordem os nativos” Marcoy, *Voyage aux valeés des quinquinas. Tour du Monde*, nº. 579. p. 85.
- 77 Gomara (*Hist. gen. de las Indias*, § LXXX, p. 104: “Em Santa Fé de Chiribichi acaecio a un criado de los frayles que tenien do mal costado, no le hallaron vena para sangrar, y dejaron lo por muerto. Vino un morcielago, y mordiole aquella noche el tovillo que topô descubierto. Hartoso, dejo abierta la vena y salto tanta sangre por alli que sanó el doente. Caso gracioso, y que los frayles constaban por milagro”.
- 78 Ovídio. *Fastes*, liv. VI, v. 133. Cf. Virgílio, *Eneida*, III, 212. Plínio H. N., XI, 95.
- 79 Segundo Hans Staden (p. 315) havia três espécies de abelhas. “A primeira parece com a de nosso país; a segunda é preta e de tamanho de uma môsca; a terceira da do mosquito... suas picadas não são dolorosas, pois vi muitas vêzes os selvagens cobrir-se delas ao lhes roubarem o mel. E eu próprio o fiz embora estivesse nu”. Yves d’Evreux, *Voyage dans le Nord du Brésil*, p. 193.
- 80 *Ira*, alteração de *eira*, mel, açúcar, doce; *ietic*, *jetyp*, pegado, fixado etc. Fixado ao mel. Alguns vocabulários antigos, do tupi costeiro, dão à cêra a denominação simples de *iraiti*. A colmeia, no guarani, era *eiretama* (P. A.).
- 81 *Aravers*, naturalmente por aravé ou arabê, designativo genérico de vários insetos, tais como: barata, besouro, escaravelho, etc. (P. A.).
- 82 Hans Staden (*Moeurs et costumes des tupinambas*, § XXX, p. 311): “Os selvagens denominavam atun, uma espécie de inseto menor do que a pulga, que a sujeira engendra nos casebres. Êsses insetos entram nos pés, provocam leve comichão, e se introduzem nas carnes sem que se pressintam. Se não se lhes presta atenção e não são extraídos, depositam uma carga de ovos, do tamanho de uma ervilha. Quando se retiram fica um buraco do mesmo tamanho... Pude ver alguns dos meus companheiros perder o pé por não se terem incomodado”. - Biard. *Voyage au Brésil. Tour du Monde*, n.º 81. Cf. Ulrich Schmidel (*Voyages curieux*), p. 220. \*\*\* Tu, evidentemente em lugar de *tun* ou *tung*, bicho-de-pé, nígua, *pulex penetrans*. É o *tunga* chamado *attum* por Hans Staden (op. cit., cap. XXXII). É indispensável, a quem deseje Informes sobre êsse curioso bichinho, cujo nome foi fixado na nomenclatura científica por Jaroki, em 1838, ler as



- magníficas páginas que Artur Neiva escreveu sobre Tunga, in “Estudos da Língua Nacional”, São Paulo, 1940, p. 230. 240 (P. A.).
- 83 Gomara (o. c. § XXX, p. 37): La nigua es como una pequenita pulga saltadera Y amiga de polvo, no pica sino en los piés, metese entre cuero y carne, para luego sus liendres en mayor cantidad, que cuerpo tiene, las quales en breve engendram otras, y si las dejan, multiplican tanto, que ni las puede agotar, ni demediar sino con fuego, o con ferro pero si de presto las sacan; para que no piquem es dormir los pies calçados, o bien cubiertos. Algunos españoles perdieran desto los dedos de los pies, y otros todo el pie”. Thévet (*Cosmog.*, p. 935) chama êsse inseto tom.
- 84 Sérias dificuldades encontramos na busca de Informes sobre essa denominação. Verificando tratar-se de *coróc*, e não *curoc*, de acôrdo com a grafia de Léry, encontramos na Obra de Hoehne (Botânica e Agricultura no Brasil no século XVI, São Paulo 1937) notas a respeito, baseadas no trabalho de Frei Vícente do Salvador (História do Brasil), embora sem indicação de página ou mesmo de capítulo. Pesquisando, achamos a citação seguinte: “Gytís é fruto de outras árvores, o qual, pôsto que feio à vista, e por isto lhe chamam coróe (sic), que quer dizer nodoso e sarabulhento, contudo é de tanto sabor e cheiro que não parece simples, senão composto de açúcar, ovos e almíscar. (Ed. Weiszflog Irmãos, São Paulo, 1918, 31). Vide Hoehne (op. cit., 316-317) (P. A.).
- 85 Santos óleos. Ataque protestante.
- 86 Essa denominação provém, por certo, do verbo *jety* ou *jetyg*, enterrar-se, plantar-se, fixar-se, etc. (P.A.).
- 87 Do mesmo remédio se utilizam ainda os campônos da Provença.
- 88 Thévet, nas *Singularités* (§ 41), cita um vestígio dêsse espírito vingativo: “Para vingar-se dos piolhos e pulgas, mordem-nos sem cerimônia, coisa mais estúpida do que razoável”.
- 89 *Ussá*, ou *usá* na ortografia atual do tupi, é designativo genérico dos caranguejos, cujo significado pode ser o de podophthalmos, ou olhos das pernas, segundo Batista Caetano (Vocabulário cit., 552) (P.A.).
- 90 Sobre peixes, crustáceos, moluscos etc., convém ler: Gabriel Soares (op. cit., 278 e segs.); Fernão Cardim, Simão de Vasconcelos, Hans Staden. Claude d’Abbeville e demais cronistas dos séculos XVI e XVII. Sobre a nomenclatura popular e científica dos peixes fluviais do Brasil, prestará bons serviços a obra de Agenor Couto de Magalhães, “*Monografia Brasileira de Peixes Fluviais*”, São Paulo, 1931 (P. A.).
- 91 Realmente o designativo geral dos peixes, de couro ou de pele, era pirá; os de escama, também de modo geral, eram chamados kará ou akará (P.A.).
- 92 Léry escreve kyremá e Hans Staden (op. cit. 86) dá kenrimá. Deve ser kurimã. Dêsse peixe, e de outros, costumavam os tupis preparar uma espécie de farinha-de-peixe, por meio de moqueação. Farinha-de-peixe, entretanto, era o apelido de um “rei” indígena, citado por Staden - Kenrimakuí (P.A.).
- 93 Vide nota 06 (P.A.).
- 94 Hans Staden (p. 244): “Têm tão boa vista que raramente erram golpe. Ferido o peixe, saltam na água para ir buscá-lo e, embora sejam muitas vezes obrigados a mergulhar até dez braças de profundidade, nunca deixam de trazê-lo”. - Êsse processo primitivo é ainda usado na região do Amazonas. Ver Marcoy Du Pacifique à l’Atlantique, Tour du Monde, nº. 245-298.
- 95 Talvez o *camboropin*, de Gandavo (p. 93). \*\*\* Parece-nos que Léry deverá ter escrito *Camouroupouy* como, aliás, aparece linhas abaixo, e tal como encontramos em Claude d’Abbeville (Histoire, fl. 244). É o camurupi ou camurupim (Megalopes Hirissoides, Bl. et Sch.). Em certos lugares é conhecido por *camboropí-uassú* ou *uasú* vale: grande, encorpado, grosso, etc. (P. A.).
- 96 As palavras dêste estribilho dizem apenas: “Peixe grande, estou com fome! *Camurupim*, estou com fome!”
- 97 Uará, se não for o mesmo Pirarára, conhecido também por Uarará (Phractocephalus hemiliopterus, Bl. et Sch.), deve ser alteração da nome akará, que, de fato, dá guará ou uará. Em Claude d’Abbeville vem Ouará. Léry, referindo-se a acará-uassú, logo a seguir, como que dá a entender tratar-se de acará e acará-uassú. Pelo menos vinte variedades de acarás aparecem no registro dos nomes de peixes brasileiros. Akará-uasú é o acará grande (Hydrogonus ocellatus, de Günther) (P. A.).
- 98 Evidentemente *akarapéb*, *akarapéba* ou *akarapéva*, variedade do akaratinga, caracterizado por ser chato (peb). É, segundo Agenor Couto de Magalhães, o Cichlasoma Severum, de Heckel (P. A.).
- 99 Deve ser akará-pytã, o carapitanga descrito por Gabriel Soares (op. cit. 284). O nome diz: acará vermelho ou avermelhado (P. A.).
- 100 Deve ser pirá-ipochy, peixe mau, ruim. Ipochy significa: é mau, é ruim, pois o í, da 3ª. pessoa, tem funções do verbo ser junto aos adjetivos (P. A.).



- 101 É o peixe conhecido por Tamboatá e Tatoatá (*Callichthys callichthys*, Linn.). Há várias espécies. O sentido desse nome provavelmente encontra-se na variante camboatá, de kaábo-atá, o que anda pelo mato (apud Rodolfo Garcia, in Revista Inst. Hist. Brasil., vol. 94, 75), “porque esses peixes dotados de fachos papilosos ricamente vasculares, que lhes servem para a respiração, podem perambular livremente por terra, quando pretendem mudar de águas” (P. A.).
- 102 *Panapaná* ocorre em Gabriel Soares e em Claude d’Abbeville, grafado *panapan*. Parece provir, o nome do verbo *pã*, bater. Há uma borboleta com nome semelhante, *panan-panan* ou *panamã* (P. A.).
- 103 Trata-se sem dúvida de uma foca ou de um peixe-boi, cetáceos muito comuns em águas brasileiras. Cf. Marcoy. *Tour du Monde*, nº. 298 Agassiz, nº. 461.
- 104 Gabriel Soares (op. cit., 280) no capítulo em que trata “dos homens marinhos”, faz referência assemelhável a esta, de Léry (P. A.).
- 105 Segundo Hans Staden faziam com a *tucum* verdadeiras rêdes. \*\*\* *Tukum*, ou *tuku*. nome de várias palmeiras espinhosas cujas fibras longas e resistentes eram empregadas na confecção de fios e cordéis (P. A.).
- 106 À Jangada, segundo os vocabulários antigos no tupi da costa, era dado o nome de Ygápéba, isto é, canoa chata (P. A.).
- 107 Léry escrevendo *puissá*, em francês, deixou bem claro que na pronúncia desse vocábulo entrava o *y*, isto é, que era *pysá* e não *pusá*, como ocorre em alguns vocabulários. *Pysá-uasú* significa rêde grande de pescar. A rêde de dormir davam o nome de *inin* (P. A.).
- 108 Nde angaturã, emê abé pindá, tu que és bom, dá-me também anzóis (P. A.).
- 109 De acôrdo com a pronúncia francesa deve ler-se *agatoram*, próxima da verdadeira, *angaturã*, de *angatú*, alma boa. boa pessoa, homem pacífico, e sufixo *rã* (P. A.).
- 110 Aqui houve engano de Léry. Supomos, pela tradução dada, que deva ser *emeê*, Imperativo do *meê* ou *meéng*, dar; a terminação pode ser *abé*, também. ou *bé*, mais (P. A.).
- 111 Pindá era o gancho, a fisga, o anzol, provavelmente de pindó + á, proveniente da pindó, da palmeira assim chamada (P. A.).
- 112 *Nde angaipá, ajuká*: tu és mau, eu mato. Para que obtivéssemos a tradução de Léry seria necessário que a frase tupi fôsse alterada (P. A.).
- 113 O vocábulo brasil de há muito vinha sendo empregado na designação do pau vermelho aproveitado na tinturaria. Cf. Marco Polo: “Têm brasil em abundância e do melhor do mundo”. Livre des metiers, p. 104: “Os tanoeiros podem fazer barris de tamarindo e de brasil”. Idem, p. 177. Segundo Du Gange, brasil teria a mesma raiz que brasa, da qual teria surgido pela analogia da côr vermelho fogo. A derivação teria seguido o caminho dos verbos alemães brazelen, brasseln, “assar crepitando”. \*\*\* Esta nota de Gaffarel tem interesse puramente pitoresco pois a questão já foi por demais debatida entre nós (T.).
- 114 Thévet (*Cosmog.*, p. 950) chama essa árvore *arabutá*. Descreve-a de modo diverso e ataca Léry: “Não posso deixar passar o erro de um indivíduo que a propósito do Brasil afirmou não ser essa árvore nem grande nem reta, mas que se assemelha a uma espécie de carvalho... Sua descrição tanto corresponde à árvore brasileira quanto à de uma macieira”. Deve-se ainda observar que é principalmente o cerne da árvore que se procura. \*\*\* *Arbutan* é uma das muitas alterações sofridas pelo nome tupi do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*, Linn.). *Ará* por *ybyrá*, e *butan* por *pytã*, isto é, pau vermelho, madeira rubra. Em Claude d’Abbeville (op. cit. fl. 183) lê-se *ouyrapouitan*. Yves d’Evreux escreve *Ybouira Pouitan*. Ambos se referem a um chefe indígena desse nome. Ocorrem ainda as variantes: *mirapitan*, *imiraptan*, *ibirapuitã*. *birapuitã*, etc. (P. A.).
- 115 Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, § LXI. p. 75): “Eran tan altos los arboles que un buen bracero tenia que passar-los con una piedra, y tan gordos que apenas los abarcavam ocho hombres, asidos de las manos”.
- 116 Thévet, *Cosmog*, p.954.
- 117 Gomara (*Hist. Gen. De las Indias*, § CCV, p. 262): “Crecen mucho los arboles, y el que llaman ceyba engorda tanto, que quince hombres asidos de las manos no lo pueden abarcar”.
- 118 As sequóias da Califórnia são ainda maiores. Ver Simonin. *Tour du Monde*, nº. 692, p. 231-234. Ver também em Marcot, Idem, nº. 299, p. 198, o que diz das nínfeas do lago Nuna: “A fôlha pesava treze e meia libras, a circunferência era de vinte e quatro pés, nove polegadas e três linhas, e a flor, que media dois pés e quatro polegadas de contôrno, tendo as pétalas externas nove polegadas de comprimento, pesava três e meia libras. O pêso do brôto era de duas libras e um quarto”. Quanto à *Rafflessia Arnoldü*, de Sumatra atinge um metro de diâmetro, três de circunferência, e o cálice pode conter mais de oito litros de água.



- 119 Todos êsses animais são com efeito importados da Europa. Cf. Gandavo, p. 66.
- 120 Ver prancha de “Une fête brésilienne à Rouen en 1550”, ed. F. Denis, 1851. - E uma das pranchas da *Cosmographie*, de Thévet, p. 950. “Tão penosa é a tarefa que após algumas viagens até o navio seus ombros já se acham machucados e esfolados pelo pêso da madeira”.
- 121 Segundo Hans Staden, p. 249: “Tomam uma pedra azul-escura a que dão a forma de uma cunha; afiam em seguida a extremidade mais larga e amarram a pedra à ponta de um bastão por meio de uma corda”.
- 122 Talvez tenha a leitura dêste trecho inspirado a Montaigne as curiosas reflexões de seu capítulo sôbre os Canibais (Essais, § 30): “Sou de parecer que nada há de bárbaro e selvagem nessa gente; cada qual chama barbárie ao que não está nos seus costumes... São selvagens assim como os frutos a que chamamos selvagens por tê-los a natureza produzido sôzinha e na sua evolução natural; no entanto os que deveríamos assim denominar são os que alteramos por meio de artifícios e os que desviamos de seu caminho normal. Naqueles se acham vivas e vigorosas as verdadeiras, úteis e naturais virtudes”. Poder-se-ia ainda compara com o trecho em questão aquêle em que Ronsard elogia a virtude inocente dos brasileiros (Les poèmes, liv. II. Discours contre fortune, ed. elzviriana, t. VI, p. 166). Imaginava êle, erroneamente, que nunca haviam os homens estado mais próximos da perfeição do que quando viviam nessa época denominada *idade de ouro*. A seu ver os brasileiros ainda se encontravam nessa época feliz de paz e inocência, e Ronsard censurava a Villegagnon ter-lhes retirado tôdas as ilusões, na civilização européia”.
- 123 Maírs - franceses e Perôs - portugueses, nomes dados pelos tupinambás.
- 124 Na tradução latina de Bry (p. 196). há uma digressão sobre Sócrates, Agesilas e outros personagens que assim falam. Tal digressão parece ter sido interpelada pelo tradutor.
- 125 Gomara (Hist. Gen. de las Indias, § CVIII. p. 141): “... Llamando los hijos de la espuma del mar, sobre que andaban, o que no tenian padres”.
- 126 É o número dado por Thévet (*Cosmog.*, p. 943) mas os nomes são diferentes. Ademais êle se contradiz nas Singularités ao enumerar sete espécies de palmeiras na América. \*\*\* Hoehne (op. cit., 385) dá a palmeira *geraú* (*geray* nos parece melhor, em face da ortografia de Léry) como a mesma brejaúba, e *irí* como a *airy*, citada em separado pelo cronista. Se assim fôr sendo brejaúba a própria *irí* ou *airy* (vide Huascar, Dicionário das plantas úteis do Estado de São Paulo, 286) é de concluir-se que Léry, descrevendo
- 127 Thévet (*Cosmog.*, p. 943) dá a essa árvore o nome de *Hairé*. Não a considera em absoluto parecida com o ébano e pensa mesmo que se trate de uma palmeira. Cremos que esta é que é a *Astrocaryum Ayri*, Mart. Vide nota precedente (P. A.).
- 128 Thévet (*Cosmog.*, p. 949): “E há os tão vermelhos que o brasil não lhes chega aos pés... mas não são tão eficazes porque por demais sutis, evaporando-se a côr ao ferver-se etc....”
- 129 Curiosa descrição de Gandavo (p. 61): “Chamam-se capaiabas de que se tira um bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente das que procedem de frialdade: causa grandes efeitos e tira todas as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, têm a mesma virtude, as quais tanto que com êle lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira que de maravilha não se enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a todas as outras chagas, têm a mesma virtude, as quais tanto que com êle lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira que de maravilha não se enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a tôdas as outras medicinas... As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades”. \*\*\* *Copay* ou *copaíba*, de *kupáb* + *yba*, árvore da jazida ou do depósito, segundo Sampaio (op. cit., 190). Em alusão, diz êsse autor, à capacidade que possui o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico, medicinal, para cuja extração, em época própria, a dos grandes calores, se procede como se o tronco fosse um barril, praticando-se-lhe um pequeno furo. a certa altura, para a introdução do ar, e sangrando-se a árvore, que dá de si, sem mais trabalho, o óleo que tiver (P. A.).
- 130 Thévet (*cosmog.*, p. 922) : “A árvore é do tamanho das nossas pereiras, com folhas de dois dedos de largura e de três ou quatro de comprimento... A árvore cheira mal; tem, ao ser cortada, um odor tão fétido que não a empregam sequer para fazer fogo”. \*\*\* É a *Thevetia ahouai*, referida por Hoehne (op. cit., 148) e a mesma que aparece nos dicionários de plantas com a denominação de Ahoay (P. A.).
- 131 Evidentemente *ibaí* é mau, é ruim, etc. (P. A.).
- 132 Thévet (*Cosmog.*, p. 935): “O *Hinuraé* é muito alto, tem a casca branca, côr de prata, e é vermelho por dentro. O gôsto é levemente salgado como o alcaçuz, a raiz é grossa e as fôlhas se parecem com as da fala negra. A casca tem maravilhosas propriedades, não somente na cura das moléstias venéreas, tal qual o guaiaco, mas ainda na de muitas outras doenças”.



- três palmeiras, sempre se referiu a uma apenas, à *Astrocaryum Ayri*, Mart., o que não deixa de ser estranho... (P. A.).  
Idem, *Singularités*, § L. \*\*\* É interessante notar as variantes do nome dessa árvore, *hiyuaré* ou *hivuaré* (Léry); *ibiraé* (Marsgrav); *ymiraeém* (Martius); *hivurahé* (Thévet); *buranhém* e *guaranhém* (Huascar) e *ubiraém* (Gabriel Soares). Tudo isso provém de *ybyrá-heé*, pau doce madeira de bom sabor. Segundo Hoehne (op. cit., 283) trata-se da *Pradosia glycyphloca* (P. A.).
- 133 Capítulo XIX. \*\*\* Pian ou piã é termo que significa mancha, nódoa, boubas, espinhas, isto é, pele marcada, pele empolada. É designativo de moléstia de mau caráter, que deixa a pele empolada e marcada. Informes detalhados sobre Piã encontram-se em “Diálogos das grandezas do Brasil” (Ed. da Academia Brasileira de Letras, pág. 121, nota 12) e em “La Civilizacion Guarani”, de Moisés Bertoni, pág. 255 e segs. (Puerto-Bertoni, Alto Paraná, Paraguai, 1927) (P. A.).
- 134 Thévet (*Cosmog.*, p. 953). Prancha e descrição. \*\*\* Segundo se induz da descrição e dos usos da “choyne”, deve haver erro de impressão desse nome, pois é de supor-se que Léry escrevesse choyte ou choyté, que se pronuncia koité, isto é, kuieté, a cuja verdadeira, a cuja útil. Como designativo da árvore diríamos hoje cuieira, cientificamente conhecida por *Crescentia cujete*, Linn. (P. A.).
- 135 *Sapucáia* é denominativo comum às diversas espécies de *Lecythidaceas*. Gandavo escreve *zabucaes* e Gabriel Soares, tal como Léry, dá *sabucái*, com b. O nome do do fruto - *sapucaia* - parece provir de esápuká-i-á, fruto que faz os olhos saltados segundo Batista Caetano. Cardim (op. cit.) escreve *jaçapucaya* (P. A.).
- 136 Crespín, *Histoire des Martyrs* p. 465, Léry, § XXII.
- 137 Gandavo (p. 58): “A esta fruta chamam Cajú: tem muito sumo e come-se pela calma para refrescar, porque é ela de sua natureza muito fria, e de maravilha faz mal ainda que se desmandem nela”. Thévet, *Cosmog.*, p. 917. \*\*\* Há evidente engano nessa citação. Deve ser não faz mal etc. Entretanto na edição “Anuário do Brasil” o mesmo erro se repete. Basta porém o complemento ainda que se desmandem nela, para entender que Gandavo terá escrito na realidade “não faz mal, ainda etc” (T.) \*\*\* *Acaíu*, *acaju* ou *caju*, fruto e árvore da família das *Anacardiaceas* (*Anacardium occidentale*, Linn.). O nome provém de *aká*, caroço e *jú*, sufixo, ou *ju*, amarelo. Do cajú faziam a conhecida bebida *cauim*, e pela floração dos cajueiros contavam os anos (P. A.).
- 138 *Pacoére*, de Léry, é a pacobeira de Gabriel Soares, isto é, a planta que produz a pakó ou pakóba. Conforme esses mesmos autores fruto das *Musaceas* ou bananeiras. O nome, segundo nos parece, provém de *opá + óba*, tudo fôlha, em alusão ao fato de constituir-se o caule todo, desses vegetais. de falhas enroladas, o que é positivamente digno de notar-se. O fruto era chamado pakobá (P. A.).
- 139 Vide nota precedente (P. A.).
- 140 Thévet (*Cosmog.*, p. 934) diz 30 a 40.
- 141 Plínio, H. N., XV, 20.
- 142 Comparar com as folhas desenhadas por Paul Marcoy, *Tour du Monde*, número 299.
- 143 Na tradução latina de Bry (p. 199) acha-se incerta uma dissertação sobre um fruto semelhante que se encontra no Egito e em Chipre e chamado Musa. O autor da dissertação limitou-se a citar Mathiolus (*Commentaire sur Dioscoride*, de palma et dactylis).
- 144 Descrição análoga em Hans Staden, p. 321.
- 145 Não encontrei essa planta em nenhum dos dicionários consultados, nem na enciclopédia Larousse (T.).
- 146 Diversas são as maneiras de grafar o nome do algodão. O mais correto, parece-nos, é amandyjú, o que dá, em pelotas, em novelos, em flocos (P. A.).
- 147 Detalhe confirmado por Thévet (*Cosmog.*, p. 953): “Bem o perceberam os portugueses ao escolherem esse lugar para sua instalação, pois plantaram laranjeiras, limoeiros e outras plantas da Europa, as quais deram excelentes resultados”.
- 148 Em outras obras vem morgoniba, parecendo que a expressão provém de morgon + yba, quando se refere à planta, e morgon + yba quando se refere ao fruto (P. A.).
- 149 Ainda existem em abundância. Ver Porgues, *Le Paraguay, Tour du Monde*, nº 702.
- 150 Chalcondyle. De Rebus Turcicis, L. III, § 14, p. 86 ed. 1650
- 151 Tupã como designativo de raio, trovão etc, reporta-se a tu, golpe, golpear, bater, e pã. Ao trovão, propriamente, davam o nome, de tupásunu, isto é, ronco ou ruído de raio. Vide “Conquista Espiritual”, de Montoya (in *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. VI, 107) (P. A.).



- 152 Thévét (*Cosmog.*, p. 936 e prancha correspondente) dá uma descrição semelhante à de Léry e acrescenta: “Não seria possível importá-lo a não ser cristalizado, porquanto o fruto maduro não se conserva muito tempo” Ver descrição do ananás em Gandavo (p. 57): “A êsses frutos chamam ananases e nascem como alcachôfras, os quais parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, a alguns maiores. Depois de maduros têm um cheiro mui suave e comem-se aparados em talhadas. São tão saborosos que, a juízo de todos, não há fruta dêste reino que no gosto lhes faça vantagem”... \*\*\* Vide in “Têrmos tupis no português do Brasil”, de Plínio Ayrosa, estudo sôbre abacaxi (P. A.).
- 153 Também chamada lírio roxo (T.).
- 154 No texto vem panacons por panacous ou panakú, designativo do cêsto cônico, de talas. É expressão corrente ainda hoje na Amazonia (P. A.).
- 155 Sôbre o fumo veja-se um curioso artigo da Revue Americaine, T. II, nº. 6, de Lucien Rosny. - Ver também Thévét, Singularités, ed. Gaffarel, prefácio. \*\*\* Léry, grafando petun, sugere a verdadeira pronúncia do designativo genérico da Nicotiana tabacum, Linn. De fato, deve dizer-se petym, embora ocorra em vocabulários diversos, petim, petun, betun e pitim. Quase todos os cronistas antigos fazem referência a êsse vegetal (P. A.).
- 156 Thévét (*Cosmog.*, prancha p. 927)-confirma êsses pormenores, mas observa que as propriedades do *petun* foram exageradas.
- 157 Mas a semelhança é perfeita; é verdade que existem várias espécies de fumo.
- 158 Liebault, *Maison rustique*.
- 159 Alusão a um trecho de Thévét (*Cosmog.*, p. 926), de resto curioso, em que êle reivindica a prioridade do fumo: “Posso vangloriar-me de ter sido o primeiro a trazer para a França sementes dessa planta que semei e à qual dei o nome de “herbe anzoumoise”. Mais tarde um indivíduo que nunca fêz a travessia, dez anos após o meu regresso, lhe deu seu nome”. Sôbre as origens do petun e introdução do fumo em França, ver carta de F. Denis a Alfred Demersay. *Estudes economiques sur l’Amerique meridionale. Du tabac du Paraguay*.
- 160 Como denominação de “uma espécie de couve”, Hoehne (op. cit., 155) identifica *cajuá* ou *caiuá* com a taióba (*Colocasia antiquorum*, Schott) (P. A.).
- 161 Será a batata? Não se deve esquecer de que é de origem americana. Walter Raleigh passa por ter trazido para a Inglaterra, no século XVIII, os primeiros tubérculos; mas êle vinha da Virgínia. Thévét (*Cosmog.*, p. 921), apresenta um desenho semelhante à batata. “Há. diz êle, duas espécie dessas raízes, embora de idêntico tamanho. Uma delas amarelece ao cozer-se, tornando-se semelhante a um marmelo. A outra é esbranquiçada, mas não difere da primeira quanto ao sabor e à utilidade. Ambas têm fôlhas parecidas com as da malva, não tendo sementes, porém, plantam os selvagens a própria raiz, cortada em rodela, de cada uma das quais nascem outras raízes em grande abundância”. \*\*\* Léry escreve hetich; o correto, entretanto, é *jetú*, a Indicar, de modo geral, a batata, a fincada, a enterrada. Segundo o texto. parece tratar-se da batata doce. *Ipomoea batatas*, L.) (P. A.).
- 162 *Manobí* é uma das variantés do designativo do *mandubí* (*Arachishypogaea*, Linn.), correntemente chamado amendoim, mendobí, mendoim etc. Há quem duvide da Origem tupi do nome dêsse vegetal (P. A.).
- 163 Thévét (*Cosmog.*, p. 949) chama-o *juncure*; observa que os brasileiros da costa fazem grande comércio dêsse *juncure* com as tribos do Interior: acrescenta que se conhece no Brasil o uso das carnes salgadas. \*\*\* Na edição Gaffarel vem *ionquet*, mas consoante outros enganos tipográficos, deve ler-se *iuquet*, que não pode deixar de ser *yjuki*, água salgada, salmoura. etc. (P.A.).
- 164 Comandá, comaná, cumaná etc., são variantes de kumandá, frutos ou sementes de vagem. Por êsse nome é conhecido o feijão. Uassú, ou uasú, significa grande, volumoso; mirí, pequeno, de reduzido tamanho (P. A.).
- 165 Léry escreve Maurougans. Deve ser moráng ou moránga (*Cucurbita máxima*, Duchtr) (P. A.).
- 166 Salmo 104. Ver Marot, ed. Jaunet (1868, T. IV, p. 143).
- 167 Senhor Deus, como tuas obras diversas são maravilhosas em todo o Universo! Como tudo fizeste com grande sabedoria! Em suma, a terra está cheia de tua magnificência (T.).



### "BORZEGUIM"

Deixa o tatu-bola no lugar  
Deixa a capivara atravessar  
Deixa a anta cruzar o ribeirão  
Deixa o índio vivo no sertão  
Escuta o mato crescendo em paz  
Escuta o vento cantando no arvoredo  
Passarim passarão no passaredo  
Deixa a índia criar seu curumim  
Vá embora daqui coisa ruim  
Some logo  
Vá embora  
Em nome de Deus

Tom Jobim

### TOM JOBIM

O maestro Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de janeiro de 1927. Começou a estudar piano ainda criança e seu primeiro instrumento foi sua irmã Helena quem lhe deu. No início da década de 60, projetou a música brasileira internacionalmente com Garota de Ipanema e em pouco tempo tornou-se o músico brasileiro mais respeitado no exterior.

Tom sempre foi amante da natureza. Muito antes de acontecer a Rio 92, já denunciava a destruição de recursos naturais em ecossistemas brasileiros, principalmente na Mata Atlântica, na qual, Tom costumava dizer, sua obra foi inspirada.

Tom Jobim deixa claro em sua música e poesia seu amor pela natureza, como definiu Joel Coaracy, Tom era "atento aos ventos, às águas que correm e ao creptar do fogo, a música brota do coração e das mãos, transformando em sons e palavras as emoções mais verdadeiras".

Vítima de problemas cardíacos, Tom morreu em Nova York no dia 8 de dezembro de 1994, deixando uma grande lacuna na cultura brasileira.

Ruy Castro expressou bem o sentimento que todos nós sempre tivemos: "Todas as vezes que Tom Jobim abriu o piano, o mundo melhorou...naquele momento, havia um ser humano dedicando-se a produzir beleza".